

A NECRÓPOLE DA I IDADE DO FERRO DE PALHAIS (BERINGEL, BEJA). RESULTADOS PRELIMINARES DE UMA INTERVENÇÃO DE EMERGÊNCIA NO BAIXO-ALENTEJO

Filipe João C. SANTOS

*ArqueoHoje*¹

Ana Sofia TAMISSA ANTUNES

*Câmara Municipal de Serpa*²

Carolina GRILO

*Câmara Municipal de Beja*³

Manuela de DEUS

*Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico IP*⁴

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar os dados preliminares da intervenção arqueológica de minimização, efectuada pela empresa ArqueoHoje no âmbito da construção do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, nomeadamente do Bloco de Rega do Pisão e suportada pela EDIA, no sítio de Palhais (Beringel, Beja). Trata-se de uma necrópole da I Idade do Ferro que revelou a existência de um recinto funerário, aparentemente de forma quadrangular, três sepulturas de inumação e uma sepultura de incineração. Nas sepulturas de inumação os corpos encontram-se depositos em posição fetal e orientados a oeste. Da componente artefactual estão ausentes as cerâmicas e destaca-se a presença de elementos de adorno (constituídos essencialmente por contas de colar diversas, um escaravelho egípcio, um pendente de prata, um “amuleto” de cerâmica, um fecho de cinturão e uma fíbula de bronze), para além de armas de ferro e de dois conjuntos de toucador de bronze. Da componente artefactual da sepultura de incineração, destaca-se a presença de uma urna *a chardon* e de um recipiente de motivos radiais, pintados a vermelho e coroado com ornitomorfos. Apesar da filiação regional de alguns dos objectos de Palhais, nomeadamente no que se refere à coroplastia, são muito próximos os paralelos com necrópoles da Baixa Andaluzia e da Estremadura espanhola, ao nível da componente artefactual e dos rituais funerários. A aparente antiguidade do conjunto artefactual (séculos VII-VI a.C.), sugere um enquadramento para a necrópole de Palhais em momentos cronológicos antigos dentro da I Idade do Ferro, anteriores à fase de generalização do fenómeno tumular da restante região do Baixo-Alentejo, nomeadamente da zona de Ourique.

ABSTRACT

The following article presents the preliminary results of the archeological research on the site of Palhais (Beringel, Beja) conducted by ArqueoHoje, on EFMA/ Pisão project by EDIA. The excavation of the Iron Age necropolis found evidence of three burials, one cremation and an apparent square shaped burial enclosure. The buried individuals were placed under fetal position and facing west, carrying personal objects (necklace eye beads, a silver pendant, an egyptian scarab, a ceramic “amulet”, iron weapons and bronze artifacts - a *fibula*, a belt clasp and two beauty sets), without any pottery assemblage. The cremation was composed exclusively by pottery vessels - the cinerary urn, a biconical recipient *a chardon* and a red painted recipient with radial pattern coronated with bird figures.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traduz uma primeira abordagem à necrópole da I Idade do Ferro de Palhais, que pelas limitações de espaço destas actas e pelo facto de decorrer ainda o seu estudo

¹santos.philipe@gmail.com

²asofia@cm-serpa.pt

³carolinagrilo@hotmail.com

⁴mdeus@igespar.pt

pormenorizado, não manifesta pretensões conclusivas, sistematizando antes algumas das questões fundamentais que emergem na análise deste sítio, muitas das quais podem no momento presente ser apenas problematizadas. Não obstante, a excepcionalidade desta necrópole no panorama da Idade do Ferro do interior alentejano impõe que da mesma seja dado conhecimento, ainda que breve, à comunidade científica, sendo um estudo mais aprofundado remetido para publicações posteriores.

Após a abertura mecânica de uma vala, no decurso da empreitada de execução do Bloco de Rega do Pisão e do Aproveitamento Hidroagrícola de Alvito – Pisão –, no sítio de Palhais (Beringel, Beja), foram observadas em corte, nas paredes laterais escavadas no substrato de base, cinco estruturas negativas de tipologia e cronologia desconhecidas. No mesmo local, provenientes das terras resultantes dessa escavação, seriam depois recuperados alguns fragmentos cerâmicos bem como algum material osteológico.

Desse material, destacava-se, entre outros, um fragmento cerâmico de feitura manual. Correspondia a uma porção de bordo corado por aplicação plástica, representando uma pequena figura modelada (ornitomorfo). Atendendo à particularidade destes materiais, alguns claramente exógenos e de recorte orientalizante, onde também figurava um fragmento de um unguentário, avançou-se, logo na altura, com uma cronologia provável para os mesmos centrada na Iª Idade do Ferro.

A pequena intervenção arqueológica que realizámos, em contexto de emergência e despoletada pelas ocorrências enunciadas, acabaria por revelar a presença em Palhais de um conjunto de sepulturas, enquadráveis, precisamente, na periodização anteriormente avançada. Com contornos ainda pouco claros, poderão fazer parte de uma área de necrópole mais vasta, comportando certamente sepulturas de distinta tipologia. Em concreto, a par de três sepulturas de inumação, confirmou-se em Palhais a existência, na restrita área escavada, de uma sepultura de incineração. O espaço funerário é ainda composto por um “recinto” de planta aparentemente rectangular.

Ainda que se tenha escavado mais do que a área contratualizada, não nos foi possível esclarecer algumas questões. Por um lado, teria sido de todo conveniente a delimitação integral da planta do hipotético recinto funerário; por outro, a do esclarecimento efectivo em relação à existência ou não, dentro dos limites em análise, de mais uma sepultura (n.º 5).

Os trabalhos arqueológicos realizados foram enquadrados no conjunto de medidas de minimização, promovidas pela EDIA e aprovadas pelo IGESPAR, preconizadas para o local. Adjudicados à firma Arqueohoje Lda, foram desenvolvidos entre os dias 14 e 29 de Abril de 2008. A direcção dos mesmos ficou a cargo de Filipe João C. Santos.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA

O sítio de Palhais localiza-se no concelho e freguesia de Beringel, distrito de Beja, em pleno Baixo Alentejo. Tem as seguintes coordenadas – datum 73 - M: 12 183, P: - 177 348, encontrando-se a cerca de 1.500 m a Noroeste de Beringel (Carta Militar de Portugal na escala de 1/25.000, fl.520).

Implantado em plena peneplanície alentejana (figura 1), constitui-se o lugar em análise por uma ampla área aplanada de grande domínio visual, com valores locais de cota mais elevada situados entre os 170 m. Os terrenos envolventes, de bom aproveitamento agrícola, alternam o cultivo de cereais com zonas ordenadas de olival (figura 2). Sob o nível de solo arável, de características argilosas, correspondendo este aos famosos “Barros de Beja”, identifica-se facilmente o topo de um substrato brando, de coloração esbranquiçada, perfeitamente contrastante com as terras que se lhe sobrepõem. A área em estudo enquadra-se, do ponto de vista geológico, nos designados Gabros de Beja (Complexo ígneo de Beja). Esta extensa mancha de granodioritos ocupa uma área total de cerca de 350 km², desenvolvendo-se entre Ferreira do Alentejo, a Oeste, Beja, ao centro, e Serpa, a Este.

Na envolvente de Palhais encontramos actualmente pequenas ramificações hidrográficas que se desenvolvem a partir das duas ribeiras principais mais próximas: ribeira do Monte do Marquês e ribeira do Galego.

A partir de Palhais, a Sudoeste, avista-se na linha de horizonte o grande povoado amuralhado do Outeiro do Circo (Parreira, 1975; Parreira e Soares, 1980). A referência a este sítio advém, não só da sua relativa proximidade à estação em apreço, mas porque o mesmo se terá constituído, ainda no Bronze Final, como um importante centro de poder ao nível da organização territorial desta região. Embora até à data apenas tenham vindo a ser referenciados elementos cronológicos, relativamente seguros, de uma ocupação deste povoado no Bronze Final, não é descartável a possibilidade de a mesma, como noutros casos (Silva e Berrocal-Rangel, 2005,156), se ter estendido à Idade do Ferro.

É de salientar ainda que em zonas relativamente próximas a Palhais, e no âmbito de diferentes empreitadas também promovidas pela EDIA, outros locais sofreram acções de minimização, por escavação, noutros pontos de ocorrências patrimoniais. Dentro destas intervenções, por inequívocas semelhanças ao tipo de implantação e contexto, estruturas e materiais existentes, destaca-se o sítio de Monte do Marquês 7, a cerca de 1.300 m Sudoeste de Palhais e a Vinha das Caliças 4, a 2.300 m nordeste. Este último local, ainda em fase de escavação, situa-se já na freguesia de Trigaches. Com Palhais, acreditamos que estes outros dois sítios possam fazer parte, por distintos núcleos, de um vasto espaço cemiterial da I^a Idade do Ferro. O desenvolvimento dos trabalhos de escavação no sítio da Vinha das Caliças 4, da responsabilidade de Rui Barbosa (Arqueohoje), aportará concerteza, e num futuro próximo, novos dados sobre esta matéria.

A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

METODOLOGIA

A implantação da área a escavar sofreu alterações à programação inicial que previa a abertura de quatro sondagens de diagnóstico, numa área total de 29 m². Tendo optado antes pela escavação em área, fizemos corresponder a área quadriculada a um rectângulo, com uma orientação NO/SE, de 12 metros de comprimento por 8 metros de largura, subdividido através de uma rede de quadrículas de 2 x 2 metros de lado. Ao eixo menor, das abcissas (X), foram atribuídas letras – de A a C, ao eixo maior, das ordenadas (Y), números, de 1 a 6.

A escavação propriamente dita fez-se pela decapagem, após identificação e registo em área, dos sucessivos estratos (camadas) identificados, seguindo a escavação um processo inverso ao das suas formações. Procedeu-se ainda à limpeza integral do fundo de vala de obra, e à crivagem de 10 m³ de terras, com materiais arqueológicos, resultantes da abertura da mesma. Procedeu-se ainda a uma pequena prospecção, com a recolha de materiais de superfície, pelos terrenos cultivados envolventes. Toda a intervenção foi alvo de registos, quer por intermédio de desenhos – plantas e perfis à escala 1/20 – quer por fotografia digital. A implantação da área intervencionada, por estação total, deve-se ao apoio topográfico prestado pela empresa construtora, a quem desde já agradecemos.

Todo o material arqueológico foi etiquetado, ensacado e embalado em contentores adequados. Na ficha que acompanha este material é assinalada a proveniência do mesmo pela quadrícula e camada respectivas, bem como o registo tridimensional e valor altimétrico com base num ponto 0.00 convencional (cotado e georeferenciado em planta do projecto).

Na crivagem de terras foram utilizados dois crivos, com dimensões e malhas distintas. Um, menor e de malha fina, serviu essencialmente à crivagem dos sedimentos relacionados com os enterramentos identificados. Grande parte das contas que apresentamos no colar do enterramento 1 de Palhais foi recuperada nessa crivagem. O crivo de maiores dimensões serviu à crivagem obrigatória de 10 m³ de terras oriundas da abertura da vala de obra. Recolheram-se, neste processo, alguns fragmentos cerâmicos, mais um ornitomorfo e outros elementos facilmente relacionáveis com peças recuperadas à destruição e outras recuperadas pela intervenção arqueológica.

Foi consultado ainda, na sede da EDIA, um relatório da intervenção arqueológica de Monte do Marquês 7, da responsabilidade da empresa Ozecarus. A consulta do mesmo serve de base a algumas observações que fizemos em relação a este sítio.

Dada a especificidade da intervenção, contámos com a colaboração de uma antropóloga física que procedeu à escavação, registo e exumação de três inumações parciais.

A área total intervencionada no final dos trabalhos, sem contabilizarmos a limpeza do fundo de vala, onde se encontrava uma das mais interessantes sepulturas identificadas, ascendeu, *grosso modo*, aos 37 m².

Já em gabinete fez-se todo um conjunto de trabalho relacionado com a limpeza, inventariação, registos fotográfico e por desenho da quase totalidade do material exumado. O mesmo foi ainda guardado, nas melhores condições e até à sua entrega, após a conclusão do seu estudo, para local de depósito definitivo. Procedeu-se ainda à colagem de alguns vasos cerâmicos, encontrando-se outros, a cargo de João Maurício, em fase de restauro nos laboratórios de Conímbriga. Neste laboratório procedeu-se ainda à escavação do conteúdo dos vasos cerâmicos associados à única sepultura de incineração identificada –sepultura 3–, com vista a posteriores análises laboratoriais. Seria de todo conveniente que algum desse material recuperado em laboratório fosse passível de ser datado.

Os materiais de bronze serão, em breve, objecto de análises arqueométricas por Pedro Valério, no Instituto Tecnológico e Nuclear de Lisboa.

No que diz respeito às inumações de Palhais, elas servirão, dentro em breve, e fazendo parte de um conjunto maior de outros elementos do mesmo período, como objecto de estudo a duas dissertações de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas, a apresentar no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Como se depreende, para além da divulgação dos resultados da escavação por si só, é nosso objectivo que todo o material exumado seja alvo de múltiplos estudos com vista à obtenção do maior número possível de dados sobre este local.

AS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

Convém antes de mais referir, que todas as estruturas de Palhais, sem excepção, foram mutiladas à passagem da giratória aquando da abertura da vala de obra, criando-se por esta acção o interface de destruição mais recente sobre este importante sítio arqueológico. A visão de conjunto do pequeno grupo de sepulturas identificado e a totalidade das informações que se poderiam ter obtido sobre cada uma delas, bem como da estrutura maior – hipotético “recinto funerário” - que escavámos, é sempre limitada por este pequeno incidente (figura 3).

Ao todo foram identificadas e escavadas três sepulturas de inumação – 1, 2 e 4 -, e uma sepultura de incineração – 3. Refira-se, no entanto, que julgamos ter identificado a extremidade este de uma quinta sepultura. Esta, localizada na quadrícula A1, corresponderá, muito provavelmente, a mais uma sepultura de inumação desenvolvendo-se com a mesma orientação das restantes identificadas. Acabaria por não ser escavada por se encontrar, em extensão, fora da área prevista de escavação. Aguardamos que futuros trabalhos confirmem esta nossa suposição.

Em face da destruição ocorrida, é-nos completamente impossível saber, em realidade, as verdadeiras dimensões destes sepulcros. Se nalguns casos contamos com o comprimento total, falta-nos a largura, ou vice-versa.

Não ficou demonstrada a utilização de quaisquer super-estruturas tumulares, *tumuli* ou elementos pétreos na sua construção. Estes, a terem existido, poderão ter feito parte apenas da cobertura das sepulturas, tendo eventualmente desaparecido devido à intensa actividade agrícola nos terrenos envolventes. Assim, não há, para além da própria cavidade sepulcral, escavada no substrato brando local, nenhum outro elemento que as defina. Atingem profundidades consideráveis, pelo menos em relação às cotas actuais do terreno, perfurando, quase sempre, a rocha de base. A única excepção acontece com a sepultura 1 (figura 4).

FOSSAS DE INUMAÇÃO SIMPLES

SEPULTURA 1

A sepultura 1 (Qd.B5/6) não apresentava contornos evidentes, tendo-se apenas definido pela delimitação dos contornos da própria inumação que continha, implantada directamente sobre o topo do substrato de base, no interior do ângulo Sudeste do provável “recinto funerário”, estrutura negativa maior de Palhais. A deposição deste enterramento, pelas evidências arqueostratigráficas, fez-se dentro dessa estrutura pré-existente sem que, e ao contrário do que aconteceu com a sepultura 2, tenha destruído parte dos seus limites originais. Acreditamos que a fossa desta inumação, à semelhança do que se observou durante a escavação da sepultura 2, terá já cortado as terras que preenchiam essa estrutura maior. A homogeneidade entre os níveis de

enchimento dos tramos escavados dessa mesma estrutura e aqueles que deverão ter pertencido às terras de cobertura desta sepultura, exactamente os mesmos, não permitiram delinear convenientemente os limites físicos desta fossa.

O enterramento exumado desta sepultura, mutilado pela abertura de vala na zona do crânio, encontrava-se em fraco estado de preservação. Deposto em posição flectida, obedecia a uma orientação Oeste (crânio) – Este (pés). A análise antropológica deste enterramento, permitiu aferir que se tratava de um indivíduo adulto, do sexo feminino (figura 5).

O espólio da inumação 1 era composto apenas por objectos pessoais, traduzidos num colar de contas de pasta vítrea, num pequeno punhal de ferro, numa fíbula e num conjunto de estética, ambos de bronze, não comportando aparentemente quaisquer oferendas.

O colar é composto por 438 contas de tipologia anelar (figura 5) e por uma conta fusiforme (figura 5) Os exemplares anelares possuem secções circulares com diâmetros variáveis entre 5 e 3 mm e espessuras de 1 a 3 mm, são monócromos e com uma gama de cores onde dominam os fundos azul, branco e verde, na maioria dos casos muito desgastados, comuns à maioria dos exemplares reconhecidos nas necrópoles peninsulares. Esta forma ocorre com relativa frequência nos espólios funerários, sendo contudo pouco valorizada já que a sua simplicidade tipológica inibe a aferição de cronologias específicas (Ruiz Ruano, 1996, 46). Não obstante, exemplares desta tipologia em pasta vítrea encontram-se atestados desde o século VII-V na necrópole insular de Puig des Molins, até ao século IV – III, na sepultura XXXI (incineração 13) e nos hipogeus 5 e 46 (Gómez Bellard *et alii*, 1990, 115; Roano Ruiz, 1996, 46), em Almuñecar, na necrópole de Puente de Noy (zona B, sepultura nº 5), em contextos dos séculos V-IV a.C. (Molina *et alii*, 1985), onde surgem em associação com exemplares esféricos monócromos e oculados sob a forma de colar, assim como em El Cigarralejo, Murcia, em sepulturas datadas dos séculos V-II (Ruiz Ruano, 1995, 52). No vasto conjunto de objectos de adorno de pasta vítrea de Pajares (Villanueva de La Vera, Cáceres) estão igualmente patentes contas anelares idênticas às de Palhais (Celestino Pérez, 1999, 146, fig.3, n.ºs 10, 21 e 22) em associação com exemplares oculados (Celestino Pérez, 1999, nºs 6 e 7), bitroncocónicos e esféricos (Celestino Pérez, 1999, fig. 3).

Quanto à conta fusiforme (figura 5), que se encontra muito fragmentada e irisada e detém uma tonalidade azul brilhante com decoração em raias onduladas ou fios horizontais brancos por toda a superfície, a sua exclusividade face ao restante conjunto permite supôr a sua utilização como elemento central do colar. Esta é uma forma igualmente frequente no mundo tartéssico, apresentando claras analogias com as contas fusiformes do colar de La Albufereta, Alicante (Ruiz Roano, 1995b, 194) e com o exemplar da necrópole de Son Maimó, Maiorca (Amorós, 1974, 165; Veny, 1977, fig.24b.4) onde se encontra associada a contas oculadas de pequeno diâmetro, também presentes em Palhais, estando datada de contextos entre os séculos VI e II. Salienta-se ainda o paralelismo decorativo desta conta com os exemplares fusiformes de Talavera la Vieja (Jimenez Ávila, 2006, 157,fig.1 nº6;217, 66) que revelam contudo dimensões superiores.

A fíbula (figura 5) é do tipo Los Alcores, muito comum na região de Carmona, onde está bem representada nas escavações de Georges Bonsor e de Emeterio Cuadrado, embora se reconheça noutros pontos da Andaluzia Ocidental, como na sepultura 15 da necrópole de La Joya (Garrido e

Orta, 1970, 47, fig. 21, n.º 3). Schüle considera que derivam das fíbulas de dupla mola, pelo que as data a montante do século VII (Garrido e Orta, 1979, 179). Já Martín Almagro e Emeterio Cuadrado datam-nas da segunda metade do século VI, com possibilidades de prolongamento até meados do século V, considerando o último que derivarão antes das fíbulas “de bucle” (Cuadrado, 1963, 27-29). Salete da Ponte enquadra-as no seu tipo 8, sendo no entanto difícil aceitar a cronologia que propõe, situada entre finais do século IX e toda a centúria seguinte (Ponte, 2004, 214), tomando em consideração que o restante espólio de Palhais e, em concreto, desta sepultura, será mais tardio.

No território actualmente português foram identificadas fíbulas de tipo Los Alcores em Conímbriga (Correia, 1993, 262, fig. 19, n.º 4; Arruda, 2000, 250). Assinala-se ainda, pela maior proximidade geográfica e pela origem produtiva da mesma área, a fíbula de tipo Bencarrón de Quintos, Beja (Cuadrado, 1963, 31, fig. 6d; 34-35, mapa III).

Absolutamente inédito no território actualmente português é o conjunto de toucador de bronze (figura 5) composto por quatro peças unidas por uma argola ou aro: uma espátula, uma possível colher (porventura utilizada para dosear produtos cosméticos ou unguentos), uma peça com terminação de ponta dupla que traduziria um *scalptorium* (utensílio para raspagem, para arranjo de unhas, por exemplo), na qual foi puncionada uma faixa de círculos decorativa e outra cuja extremidade se encontra muito corroída, impossibilitando a sua atribuição funcional. Embora estes conjuntos de estética sejam habitualmente compostos por uma pinça, uma pequena espátula e um *scalptorium* (de ferro ou bronze), a peça de função dúbia não parece corresponder a uma pinça. Não é possível saber por ora se todas as peças apresentavam decoração, aguardando-se a sua limpeza.

Estes conjuntos encontram escassa representação nas necrópoles de âmbito peninsular, por oposição a zonas como o Sul de França e a Suíça, onde são mesmo considerados um dos fósseis directores do Hallstático Médio (Horizonte A) da Suíça meridional, balizado entre 650 e 550 a.C., embora também ocorram no Hallstático Final (Bouloumié, 1978, 231).

Em ambiente tartéssico salienta-se a sua presença na sepultura 9 (de inumação) da necrópole de La Joya (Garrido e Orta, 1970, p. 42 e 45, fig. 30). Na área ibérica reconhecem-se na necrópole de Los Villares, nas sepulturas de incineração n.º 23 e n.º 36, enquadradas na Fase IIa, entre os séculos VI e V a.C. (Blánquez Pérez, 1990, 197, fig. 43, n.ºs 6401, 6413 e 6417). Na necrópole de Ampúrias estão presentes em duas sepulturas de inumação, nomeadamente a Martí n.º 15 e a Martí n.º 94 (Almagro Basch, 1953, 92).

Na ausência, até ao momento, de datações absolutas, estamos limitados a apreciações de natureza cronológica relativa sobre a necrópole de Palhais e as suas sepulturas sustentadas na estratigrafia e nos seus conjuntos artefactuais.

Apesar da singularidade do conjunto de toucador, sem paralelos no repertório artefactual do mundo funerário da Idade do Ferro do território actualmente português, a sua associação a uma fíbula de tipo Los Alcores e aos adornos de pasta vítrea, bem como a distinção deste espólio funerário relativamente à cultura material das restantes necrópoles do Baixo-Alentejo e Algarve permitem equacionar para a sepultura 1 uma datação em momentos anteriores à génese do

fenómeno tumular referido, globalmente enquadrada no século VI, centrada eventualmente na primeira metade da centúria, a delimitar futuramente com base no desenvolvimento do estudo do sítio e na realização de análises radiométricas.

SEPULTURA 2

A sepultura 2 (Qd. B1) corresponde tipologicamente, tal como a sua precedente, e mediante escavação profunda pelo substrato de base, a uma fossa de inumação simples (figura 7). Encontrava-se, assim como a inumação que continha, mutilada pelo seu lado Norte, inviabilizando este facto uma clara apreensão dos seus contornos. Ainda assim, pela planta que dela restou, aparentava uma configuração oblonga, com a extremidade Oeste, correspondente à zona da cabeceira, arredondada. No que toca às dimensões possíveis de serem apresentadas deste sepulcro, e acreditando que a largura correspondente à cavidade desta sepultura fosse, de alguma forma, regular, teria, através da observação do recorte efectuado do afloramento localizado imediatamente à cabeceira desta, cerca de 0,80 m de largura. O seu comprimento total, dada a destruição sobre o lado Este da cavidade, também não pôde ser observado, encontrando-se preservada em extensão em 2,80 m.

À semelhança da sepultura 1, também esta se implantou sobre parte da estrutura negativa maior pré-existente, correspondendo o local de implantação ao tramo Oeste do hipotético “recinto funerário”. Neste caso concreto, não só a sua feitura destruiu parte das paredes desta estrutura primitiva, como cortou a totalidade dos níveis de enchimento observados no seu interior. O lastro deste sepulcro fixou-se, naquele ponto, a uma cota mais baixa do que aquela observada no interior da base do recinto. Parece-nos ainda importante destacar que a extremidade Este desta sepultura poderá ter perturbado, ou destruído mesmo parcialmente, a extremidade Sudoeste da sepultura 3. A profundidade do lastro desta cavidade sepulcral, em relação ao topo do solo actual, era de 1,30 m, com 1,00 m escavados pela rocha branda de base.

Tal como anteriormente observado pela escavação da sepultura 1, também aqui se assiste à colocação da inumação que continha em posição flectida, com a colocação do crânio, com a face voltada sobre o lado direito, a Oeste, e a zona dos pés a Este. Parte dos membros inferiores da inumação foram mutilados pela destruição efectuada pela abertura mecânica da vala de obra.

Esta segunda inumação, pelos dados antropológicos obtidos na sua exumação, corresponde igualmente a um indivíduo adulto do sexo feminino.

À semelhança da sepultura anterior, a inumação 2 não continha nenhuma oferenda, identificando-se a totalidade do conjunto artefactual registado com objectos pertencentes ao indivíduo ali depositado, nomeadamente diversos objectos de adorno (contas e pendentives de prata e de pasta vítrea, um escaravelho e um escarabóide), um fecho de cinturão de dois garfos e um conjunto de toucador, ambos de bronze, para além de uma pequena arma, de lâmina recurvada e cabo nervurado, de ferro (figura 8).

Tal como na inumação 1, os objectos de adorno estão organizados em colar ligado por material perecível, representados por contas de pasta vítrea de diferentes tipologias (três fusiformes, duas bitroncocónicas brancas, três esféricas monocromas azuis claras e duas pequenas contas esféricas oculadas de fundo verde com “olhos” únicos e linhas a branco) e por elementos de prata (cinco

contas esféricas e um pendente em forma de bolota), associados a um escaravelho de pasta branca e a um pendente discóide circular de cerâmica com decoração simétrica em volutas.

Os adornos de pasta vítrea revelam, face ao conjunto da inumação 1 maior diversidade tipológica, constituída na sua maioria por exemplares monócromos sem decoração: exemplares fusiformes de tonalidade branca e azul brilhante ligeiramente irisados, de dimensões entre 19 e 25 mm e secções circulares ou elipsoidais, exemplares bitroncocónicos de diâmetros entre os 8 e 10mm, secções circulares e superfícies lisas de tonalidade branca ligeiramente brilhante, desgastada pelo desaparecimento da cor esverdeada original e exemplares esféricos de diâmetros entre os 7 e os 10mm, monócromos, de fundo azul claro e oculados.

Estes últimos estavam representados por dois exemplares completos de fundo azul esverdeado com decoração em olho simples e uma linha a branco e dois olhos simples e uma linha a branco. Estão ainda representados diversos fragmentos de pelo menos três contas esféricas de pasta vítrea, uma das quais oculada (parecendo existir uma segunda também oculada), muito semelhante aos exemplares acima descritos, com 8mm de diâmetro com olhos brancos totalmente preenchidos e uma linha branca.

Cronologicamente, a tipologia destas contas, as suas dimensões reduzidas e a simplicidade decorativa patente tanto nos exemplares monócromos como nos oculados, inseridos no estilo mais arcaico com um só “olho”, parecem apontar para uma contextualização antiga (corroborada pelos restantes artefactos que compunham o espólio funerário da inumação 2, como o fecho de cinturão), aproximada ao conjunto de Talavera la Vieja, onde as contas oculadas ocorrem igualmente de forma residual entre outros objectos de adorno (Jiménez Ávila, 2006, 160).

De facto, estudos recentes têm demonstrado a escassez destes objectos em contextos funerários antigos de influência orientalizante (Ruiz Ruano, 2000; Jiménez Ávila, 2006) por oposição à sua frequência nos espólios funerários dos séculos V e IV, registada em diversas áreas peninsulares, salientando-se a título de exemplo em Ávila, na Necrópole de El Raso - «Las Guijas B» Candeleda (Fernández Gómez, 1997), na necrópole de La Osera, Ciudad Real (Aguilera Gamboa, 1916) ou na necrópole de El Jardal (Jiménez Ávila, 2004). Nesta última, as contas oculadas assumem particular destaque no espólio funerário, registando um panorama similar às necrópoles algarvias e da região de Ourique: Fernão Vaz, Fonte Santa, Chada (Beirão, 1986), Mealha-a-Nova e Herdade do Pego, surgindo nesta última numa sepultura em associação com um fecho de cinturão de dois garfos (Dias, Beirão e Coelho, 1970).

Alguns exemplares oculados são igualmente rastreáveis no século VI, como as duas contas de pasta vítrea do conjunto 70/19 de Medellín (Almagro Gorbea, 2007, 82, fig. 89, n.^{os} 5 e 6), as contas do túmulo 164 de la Hoya de Santa Ana (Jimenez Ávila, 2004) e os exemplares de Cancho Roano, de contextos análogos (Celestino Perez, 1999, 149; 2003: 274, fig.7, PV29, 30). Em Carrascosa del Campo, Cuenca, na necrópole de las Madrigueras, surgem igualmente contas oculadas de cor azul esverdeada com tons de branco a azul, no túmulo LXII, em contexto datado de meados do século VI (Almagro Gorbea, 1969; Ruiz Ruano, 1995, 264) e contas lisas similares às de Palhais na sepultura X (Almagro Gorbea, 1969, 46 fig. 19, n.º 14).

A comercialização destes elementos está tradicionalmente vinculada a agentes do mundo fenício-púnico, ainda que alguns estudos tenham comprovado a antiguidade e a dispersão destes materiais em áreas peninsulares sugerindo uma circulação e comércio em época pré-colonial (Ruiz, Moreno, e Pellús, 1996, 108). A partir dos séculos VI-V, com a generalização das importações peninsulares, o comércio destes objectos encontra-se distribuído por diversos centros produtores especializados desde a Grécia, Ásia Menor, Norte de África ou Sicília que elaboram reproduções destes produtos. A sua frequência nos espólios funerários permite mesmo equacionar a presença de centros produtores peninsulares, como o caso de Ibiza onde ocorre a maior concentração destes objectos.

A sua maior ou menor expressão nos espólios funerários face aos distintos rituais fúnebres tem igualmente contribuído para a discussão sobre a real valorização destes bens entre distintos grupos culturais peninsulares (Celestino Perez, 1999, 148).

Não menos importante é a análise destes objectos no quadro da sua função, meramente ornamental ou no âmbito de uma componente social de distinção hierárquica a par com um possível valor apotropaico, relacionado por alguns investigadores com o mau olhado (Dubin, 1987 *apud* Ruiz Roano, 1995). No Egipto, o poder do olho de alguns deuses como Horus é considerado beneficente e protector, assumindo-se como força protectora e profiláctica (Ruiz Roano, 1995,272), sendo igualmente frequente a sua associação em colares a outros elementos de adorno, escaravinhos e/ou amuletos, observada no túmulo 406 de El Cigarralejo, Murcia, em contextos do século V – IV (Ruiz Roano, 1995, 272), como em Palhais.

Registaram-se cinco contas ocas de tipologia esférica ligeiramente achatada, elaboradas sobre uma fina lâmina de prata. Tipologicamente, assemelham-se às contas esféricas de bronze da sepultura de incineração infantil 86G/26 da necrópole de Medellín, datada entre 500-475 (Almagro-Gorbea, 2006, 283, fig. 397 86G/26, nº2). Ainda em Medellín, da urna 86G/50, correspondente a uma incineração masculina datada de 650-625 destaca-se uma conta circular de prata de secção bitroncocónica associada a um exemplar de conta esférica de pasta vítrea monócroma, idêntica ao exemplar de Palhais. Contas esféricas de prata, tipologicamente afins das de Palhais mas com remates em campânula estão também presentes na necrópole da Favela Nova, Ourique (Dias e Coelho, 1983, 202, fig.8), no monumento I da necrópole do Mealha-Nova, em contextos do século VI-V (Beirão, Coelho e Dias, 1970), ou no colar de ouro do tesouro do Gaio, em Sines.

O pendente de prata em forma de bolota tem 30x9mm e orifício de suspensão com 2 mm diâmetro. Apresenta decoração na zona de suspensão por repuxamento de pontos horizontais e decoração em gomos na base. Este tipo de pendente encontra-se amplamente divulgado no Mediterrâneo Ocidental, com paralelos tipológicos em Cartago e nas necrópoles sardas e sicilianas desde o século VII. Na necrópole de Palermo, Sicília, destaca-se um exemplar sem contexto cronológico definido, de composição metálica mista (o corpo de prata e o pendente de ouro) com decoração na zona vertical do pendente em alinhamentos horizontais ziguezagueantes rematados por pontos (Spanò Giammellaro, 1995, 45), padrão que revela afinidades com os remates decorativos do fecho de cinturão de Palhais.

De tipologia similar destacam-se os exemplares da necrópole de Medellín, da sepultura de incineração feminina 86G/28, datada de 625-600 (Almagro-Gorbea, 2007, 285-286, fig.401, 8a e 8b) associados a uma conta cilíndrica de prata e da urna 86G/41 (Almagro-Gorbea, 2007, 299, fig. 420, n.º6a-d) de cronologia similar. Em contextos de inícios do século VII ao séc. V estão também identificados pendentes em forma de bolota nos conjuntos importados da necrópole de Los Castillejos de Sanchorreja, Ávila (Cerdeño *et alii*, 1996, 300, fig.6A) e, em ambiente tartéssico, no colar de contas de ouro da sepultura 9 da necrópole de La Joya, Sevilha (Garrido Roiz, 1970, 46-47, fig.32), o qual apresenta paralelos exactos com o exemplar de Palhais.

A decoração em forma de bolota é comum desde o Orientalizante em diversos objectos sumptuários e jóias, encontrando-se também representada no brinco de ouro com pendentes de Torres Vedras (Cardoso, 2000, 71) na gargantilha do tesouro de Baião (Cardoso, 2000, 71) e no conjunto dos materiais áureos do tesouro do Gaio (séc. VI-V). Na sepultura 20-31 da necrópole de El Cigarralejo está igualmente representada de forma mais estilizada, em contextos datados do século IV e da centúria seguinte (89, nº230).

Merece especial menção a simplicidade formal e estilística dos adornos de prata de Palhais face à diversificada e complexa panóplia estilística e decorativa da ourivesaria orientalizante e à problemática dos seus centros produtores. Materiais de metais nobres como a prata e o ouro são comuns nas necrópoles tartéssicas, marcando igual presença, de forma residual, nas necrópoles baixo-alentejanas e estremenhas. Nesta última área, são diversos os conjuntos áureos, caracterizados pela sua singular produção.

Do colar destaca-se um escaravelho de pasta branca e revestimento verde-claro, com perfuração longitudinal e com dimensões de 1,5X0,9cm. O esquema dorsal pertence ao tipo IVa de Vercoutter (Vercoutter, 1945,72), com protórax e élitros lisos separados por uma linha simples, com cabeça e clipeos marcados e as patas indicadas lateralmente. Na base, aparentemente delimitada por uma linha, apresenta uma inscrição incisa vertical de uma divindade egípcia, o deus Amon-Ré.

Registam-se alguns paralelos para esta inscrição em contextos arqueológicos enquadrados nos séculos VII-VI, entre os quais se destacam exemplares de Peña Negra (Alicante) e de Cartago. O escaravelho n.º 6 de Peña Negra, apresenta uma inscrição semelhante e provém de um contexto de ocultação de um tesouro atribuído a um horizonte orientalizante, datado entre os anos 700/675 e 550/535 (Alfredo González Prats, 1983, 265-267 *apud* Padró, 1996). Dos 18 escaravelhos das necrópoles púnicas de Cartago com inscrições de Amon-Ré publicados por Vercoutter, 12 procedem de necrópoles atribuíveis aos séculos VII-VI e apenas 3 aos séculos V e IV (Vercoutter, 1945). Deste conjunto o escaravelho n.º 183 destaca-se claramente pelas semelhanças com o de Palhais, tanto ao nível dos signos representados como da sua localização na peça. Trata-se de um escaravelho em faiança, de cor branca, proveniente da necrópole de Dermech I – Douimès aparentemente datada dos séculos VII-VI (Vercoutter, 1945, 139).

A presença de escaravelhos em contexto funerário está registada em outras necrópoles da Idade do Ferro do Baixo Alentejo, das quais apenas se menciona, pela sua proximidade, o proveniente do monumento I da Necrópole da Mealha Nova, em Ourique (Dias, Beirão e Coelho,

1970) e o recolhido na sepultura 2 de Corte Margarida, em Aljustrel (Deus e Correia, 2005), ambos com inscrição do faraó Pedubaste e que têm sido cronologicamente atribuídos ao séc. VI (Arruda, 2001; Deus e Correia, 2005).

Uma peça circular ou “discóide” de cerâmica completa o colar da sepultura 2, correspondendo a um possível objecto de adorno ou “amuleto”. Apresenta decoração em baixo-relevo efectuada mediante impressão na pasta fresca, traduzindo uma moldura circular com faixa central vertical preenchida com linhas oblíquas zigzagueantes delimitando uma decoração de estilo vegetalista de duas volutas em “efeito de espelho” ou esquema simétrico.

As características desta peça bem como a sua matéria-prima apontam para uma produção de cariz possivelmente local/regional, constringendo a busca de paralelos tipológicos precisos. Não obstante, as concepções simbólico-ideológicas intrínsecas a este exemplar encontram claros paralelos nos esquemas decorativos em volutas representados em amuletos e/ou “escarabóides”, na ourivesaria e outros objectos metálicos de influência Orientalizante, sendo nítida a associação deste esquema decorativo aos motivos patentes no fecho de cinturão recuperado nesta mesma inumação. Os mesmos motivos decorativos encontram-se na necrópole de Medellín, numa peça classificada como escarabóide (de marfim) com uma decoração de duas volutas em “efeito de espelho” associada a uma incineração masculina e cronologicamente situada entre 650-625 (Almagro Gorbea, 2007, 161-162, conjunto 85B/14, fig. 214, n.º 1b). As volutas são motivos decorativos frequentemente presentes na ourivesaria, em medalhões e pendentes de prata elaborados em *ateliers* estremitos (Blázquez, 1963, XIV, fig.16). No Mediterrâneo Central, na necrópole de Palermo está representado um “botão” ou pendente circular de colar com perfuração transversal e decoração em círculos e volutas com paralelos em Mozia nos sécs. VII-V e em Cartago (Spanò Giammellaro, 1995, 47, fig.16).

O fecho de cinturão foi efectuada sobre duas placas rectangulares de bronze, sobre as quais foram encaixados dois garfos. Na peça fêmea existem dois orifícios paralelos, localizados no imediato prolongamento dos garfos, onde encaixam os garfos da peça macho, resultando na perfeita junção das peças, sem que se reconheçam quaisquer indícios da existência de uma placa de ampliação. Em ambas as placas observa-se o enrolamento das extremidades, para o interior, ao longo do comprimento e para o exterior, ao longo da largura. A decoração é elaborada e recorre à repetição simétrica de motivos vegetalistas, nomeadamente de palmetas, distribuídos por três linhas horizontais e separados por três alinhamentos verticais agrupados de pontos.

O fecho de cinturão de Palhais enquadra-se no tipo 4c definido por Emeterio Cuadrado e Maria A. de Ascensão e Brito, que os autores integram cronologicamente entre o último quartel do século VI e meados do século V (Cuadrado e Brito, 1970, 496 e 513).

Na necrópole da Cruz del Negro identificou-se um fecho de cinturão exactamente igual ao de Palhais, não só na aplicação e combinação de todos os elementos decorativos e na presença de dois garfos, mas também aparentemente no fabrico, já que se pode igualmente apreciar a dobra para cima das duas extremidades laterais da placa. Infelizmente não dispomos de dados mais concretos sobre o contexto da peça e o conjunto artefactual a que eventualmente se associaria, uma vez que se encontra apenas representada na compilação gráfica que Georges Bonsor

efectuou (Monteagudo, 1957, 359, fig. 11, n.º 18). Apesar de ter efectuado investigações na necrópole em 1898 (Bonsor, 1899, 76-88) e até 1911, embora de forma mais sistemática apenas entre 1900 e 1903 (Maier, 1992; Torres Ortiz, 2002, 80), foi também reunindo e adquirindo peças resultantes de trabalhos efectuados no sítio anteriormente (Amores Carredano, 1982, 111), pelo que é possível que o fecho de cinturão de Cruz del Negro tenha sido recolhido nesta altura.

De acordo com análises mais recentes, dirigidas à cultura material, particularmente aos marfins decorados (Aubet, 1978, 271-272), às fíbulas e aos fechos de cinturão, para além das lucernas, dos *oinochoe* ou das urnas Cruz del Negro (Aubet, 1978) já consagradas pela investigação, esta necrópole encontra-se balizada mais consensualmente entre os séculos VII e VI a.C. (Amores Carredano, 1982, 111-112), embora alguns autores recuem o início da sua ocupação para o século VIII (Ruiz Delgado, 1989, 250; Torres Ortiz, 1999, 84) e outros avancem a data final da sua utilização para o século V, com base nos resultados dos trabalhos de campo de Bonsor realizados em 1905 (Amores *et alii*, 1997b, 158).

Este paralelo assume particular importância na análise de Palhais, uma vez que a similitude entre os dois fechos de cinturão aponta para a sua execução na mesma oficina ou pelo mesmo artífice. Em virtude da quantidade e da concentração de peças metálicas na área “tartéssica” da Bacia do Guadalquivir e, em particular, da região de Los Alcores (Sevilha), será pertinente considerar o fecho de cinturão de Palhais uma importação dessa área.

Como paralelo geográfico mais próximo destaca-se o fecho de cinturão de dois garfos recolhido na sepultura III da necrópole da Herdade do Pego (Dias, Beirão e Coelho, 1970, sem representação gráfica).

No que respeita à decoração, as palmetas constituem um motivo de origem oriental muito recorrente em particular no Baixo Guadalquivir, que marca também presença em outras áreas peninsulares, como as actuais Estremadura e Meseta espanholas. Alguns paralelos exactos encontram-se, por exemplo, na faixa de um carro recolhida na sepultura 17 de La Joya (Garrido Roíz e Orta Garcia, 1978, 78, fig. 44 e 45), numa peça prismática de osso pertencente a uma caixa recolhida no nível Vb de Mendez Nuñez-4, em Huelva, enquadrada na fase II do designado Tartéssico Final, cronologicamente situado entre 590 e 570/560 (Fernández Jurado, 1989, 243, fig. 43; 264), em fragmentos de placas de marfim provenientes do compartimento E5 de Cancho Roano (Maluquer de Motes, 1983, 90, fig. 34, y 95, fig. 38) ou no cinturão de ouro do tesouro de Aliseda (Rodríguez e Enríquez, 2001, 146, fig. 38,b).

No próximo Oriente a representação das palmetas sempre esteve relacionada com a esfera do sagrado (Ferrer Albelda, 1999, 106) e como emblema de fecundidade foi sempre relacionada com os ciclos iconográficos de Astarté.

Finalmente, provem ainda desta sepultura um outro conjunto de toucador de bronze, embora contenha menos peças que o da sepultura 1, estando unidos por uma argola uma colher e um *scalptorium* de ponta dupla, remetendo-se a análise destas peças para os considerandos tecidos relativamente ao exemplar da inumação 1.

A integração cronológica desta inumação encontra-se dificultada pela grande amplitude dos intervalos cronológicos dos objectos que lhe estão associados, balizados entre os séculos VII e V.

No entanto, as afinidades artefactuais com a sepultura 1 (particularmente no que respeita ao conjunto de toucador) permitem ponderar uma datação aproximada à daquela, considerando-se cautelosamente e de modo global o século VI, intuindo-se não obstante uma integração posterior ao seu último quartel, se atendermos ao facto de o fecho de cinturão não ser anterior a essa cronologia (embora reconheçamos a fragilidade das cronologias aferidas por mera contrastação artefactual, sobretudo com base em sistematizações antigas, muitas vezes revistas pelas integrações contextuais recentes e pelas datações absolutas). A assumpção que a sepultura 1 se articularia directamente com o recinto funerário e o corte que a sepultura 2 nele efectua indicam que esta seria mais recente, embora não se consiga neste momento conhecer a distância temporal entre as duas inumações.

SEPULTURA 4

A sepultura 4 (Q.A2/3) corresponde a um outro covacho de configuração subrectangular e extremidades arredondadas. Desta fossa de inumação simples, apenas nos foi possível obter as dimensões do seu comprimento - 1, 80 m -, uma vez que todo o lado Sul, que acabava por definir todo o contorno restante, se encontrava destruída. A profundidade máxima desta sepultura em relação ao topo do solo actual é de 1, 30 m, sendo que 0, 70 m são escavados já na rocha de base.

Os níveis de enchimento que cobriam os únicos restos humanos identificados (c.5 e c.6), constituídos por ossos longos de pelo menos um indivíduo adulto, donde se destaca a presença de diáfises e dois fémures, duas tíbias e dois perónios, estarão certamente relacionados com uma violação deste sepulcro em período que não podemos precisar. A disposição regular de diversos elementos junto às inumações confirmadas, leva-nos a supor a existência de enterramentos muito bem preservados, com todo o mobiliário funerário praticamente *in situ*. Não foi esta a realidade constatada no interior do covacho que fazemos corresponder à sepultura 4.

Ainda que se tenha recolhido algum material arqueológico no interior desta fossa, nomeadamente um recipiente cerâmico (figura 9) é de crer que este provenha do topo do primeiro nível de revolvimento/violação desta sepultura, não devendo como tal ser conotado com qualquer mobiliário funerário associado à inumação primitiva. Trata-se de um vaso manual de paredes rectas e bordo plano, com um pé baixo e a particularidade de na parte inferior apresentar uma “moldura” que contorna toda a peça e para a qual ainda não dispomos de paralelos, suspeitando-se não obstante do cariz local/regional da sua morfologia e fabrico (figura 9).

Um outro objecto, de ferro, com secção circular, e que poderá corresponder a um fragmento de uma arma, foi identificado perto da base desta sepultura (c.6). Ainda que fragmentado, muito provavelmente pela destruição levada a cabo pela abertura recente da vala de obra, pensamos que poderá, com algumas reservas, poder associar-se ao restante conjunto espoliado desta sepultura. Todas as outras inumações, como já referimos, comportavam armas; ao contrário, em nenhuma delas se verificou a presença de quaisquer recipientes cerâmicos.

A escassez de objectos claramente associados a este enterramento impede uma asserção cronológica rigorosa, pelo que se admite por ora e cautelosamente um enquadramento no século VI a.C.. Intui-se, no entanto, como hipótese de trabalho a confirmar, uma maior antiguidade desta

sepultura relativamente a outras inumações de Palhais, admitindo que constituiria um elemento central do “recinto funerário”, baseando-se esta presumível assumpção no paralelismo com a realidade colocada em evidência na Vinha das Calças 4, onde parece indubitável a presença de sepulturas centrais dentro da área delimitada pelos “recintos” funerários, donde deriva uma contemporaneidade entre ambos, decorrente de um planeamento integrado da sua edificação.

FOSSA DE INCINERAÇÃO COM NICHOS LATERAL

SEPULTURA 3

A sepultura 3 (Qd. A/B2), apresentava-se muito destruída, pelas razões já enunciadas. Ainda assim, pelos dados que dela colhemos, é possível interpretá-la como a única incineração documentada neste sítio. A destruição levada a cabo neste sepulcro invalida, como seria desejável, uma atribuição tipológica fiável para esta construção funerária. Da sua configuração original, apenas se preservou a base, em escassos milímetros, e um pequeno nicho lateral.

Julgamos que se tenha estabelecido, muito possivelmente, numa fase anterior ao das sepulturas de inumação identificadas e escavadas, até à data, neste local. Há pelo menos alguns indícios que apontam nesse sentido. Por um lado, a fossa correspondente à sepultura 2, e em concreto a sua extremidade Este, ter-se-á já sobreposto a parte da cavidade ocupada por esta sepultura. Este facto poderá ter estado na origem de destruições parciais ocorridas não só nas paredes escavadas na rocha desta sepultura, como também pelo menos numa das taças com ornitomorfos que esta comportava, localizando-se esta em planta precisamente naquele ponto. Refira-se, no entanto, que este recipiente, de carácter ritual, foi igualmente afectado pela abertura da vala de obra, pelo que a observação anterior terá de ser encarada com alguma reserva. Por outro lado, e embora não seja totalmente clara a associação entre esta sepultura de incineração e o hipotético “recinto funerário”, é de salientar, uma vez mais, que quer a sepultura 1, quer a sepultura 2, ocupam, e nitidamente cortam, tanto partes desta estrutura primitiva, como os níveis de preenchimento observados no interior da mesma.

Em planta, pelo que dela restou, apresenta uma configuração subrectangular, com nicho lateral e cantos arredondados. Encontrava-se também ela escavada na rocha branda local, a 2, 30 m de profundidade, partindo do topo actual do terreno. O seu lado maior, segundo o eixo Oeste/Este, é de 1, 30 m, por 0, 74 m de largura. No lado norte da cavidade, junto à base da mesma, identificou-se um pequeno nicho. Esta pequena janela escavada também na rocha branda local, junto à extremidade Nordeste da sepultura tinha um comprimento máximo de 0, 50 m, por 0, 40 m de altura. A profundidade máxima deste nicho, onde a urna se encontrava depositada, era de 0, 24 m. É de salientar ainda que a base do nicho foi deposta em degrau, com uma diferença de 0, 14 m em relação à base da sepultura propriamente dita (figuras 10 e 11).

A diferença entre o lastro desta sepultura e o topo da base do tramo Oeste do hipotético recinto, em B2, é de 0, 94 m. Esta diferença altimétrica, e a proximidade entre a sepultura de incineração e a parede Este do troço mais ocidental do denominado “recinto funerário”, levounos a considerar a possibilidade de se ter constituído naquele ponto a abertura que levou à feitura da cavidade desta sepultura, conferindo-lhe o aspecto, eventualmente, de uma pequena cripta aberta a partir de uma das paredes do corredor previamente escavadas na rocha. Dada a

destruição a que também a sepultura 3 foi votada, esta interpretação deverá ser atendida como mera hipótese de trabalho. Na verdade, não poderá ser afastada a possibilidade de a sepultura 3 traduzir uma fossa simples de acesso vertical e planta rectangular com nicho lateral para deposição da urna cinerária e disposição das oferendas votivas na restante área, com paralelos em algumas necrópoles peninsulares, como as sepulturas 11 e 16 de La Joya (Garrido Roiz, 1970, 21-23; Garrido e Orta, 1978, 48-63) e, mais próximo, em Alcácer do Sal (embora aqui sejam escalonadas).

Contrariamente às inumações, nesta sepultura não se identificaram aparentemente objectos diversos de uso pessoal estreitamente ligados ao indivíduo aqui incinerado, mas antes um conjunto de mobiliário funerário exclusivamente cerâmico (figura 12), de fabrico manual, que testemunharia, para além da própria urna cinerária (vaso *a chardon* com a respectiva tampa), as oferendas realizadas e as acções associadas aos rituais votivos. Daqui derivará uma distinta concepção da morte (que radicará aparentemente em motivos cronológicos, sem que se excluam outros, mormente culturais), na medida em que, enquanto que na incineração se reproduzem formas de consagração simbólica através de recipientes-mensagem e, concomitantemente, de gestos rituais de vincado significado para a comunidade, nas inumações podemos inferir que a carga ideológica passou a ser transportada pelo indivíduo, nos seus pertences pessoais, sem que o acompanhem directamente outros testemunhos de materialidade simbólica, verificando-se uma alteração nas cerimónias fúnebres.

À excepção da urna, os restantes recipientes encontravam-se bastante fragmentados e degradados e estão, na sua maioria, em fase de restauro e de escavação do seu interior, incluindo a urna cinerária, no laboratório do Museu Monográfico de Conimbriga, pelo que não será possível apresentar todo o conjunto cerâmico. De momento também não se poderá determinar com rigor a totalidade dos recipientes associados à incineração, uma vez que a mesma foi afectada pelos trabalhos da obra, tendo sido recuperados fragmentos nas limpezas do fundo da vala de obra e outros na crivagem das terras removidas mecanicamente. Esta associação só poderá ser feita cabalmente após a colagem e o restauro dos vários fragmentos, pelo que apenas poderemos avançar com considerações preliminares relativamente a algumas das peças e ao seu contexto.

Do conjunto de recipientes recuperados *in situ* fazem parte o vaso *a chardon*, um recipiente com pinturas a vermelho coroadado com ornitomorfos e dois fundos de vasos que não serão abordados neste artigo por estarem em processo de restauro.

É comum encontrar vasos *a chardon* (manuais e torneados) em contextos funerários na Andaluzia Ocidental, onde desde o século VIII constituíram urnas cinerárias por excelência - no túmulo I da necrópole de Las Cumbres, em Cádiz (Ruiz e Pérez, 1989: 291), nos túmulos A e B de Setefilla (Aubert, 1975: 84-86) ou na necrópole da Cruz del Negro, em Sevilha (Maier, 1992, 108-109)-, tendo sido substituídas na transição entre os séculos VIII e VII pelas urnas Cruz del Negro, passando então a assumir uma funcionalidade como recipientes de oferendas (Torres Ortiz, 1999, 171-173), conforme documentado em La Joya (Garrido, 1970; Garrido e Orta, 1978), em Cruz del Negro (Maier, 1992) ou em Bencarrón (Maier, 1996).

Este novo papel extravasou o âmbito funerário, na medida em que frequentemente se associam os vasos *a chardon* com espaços interpretados como cultuais ou votivos, como por exemplo o edifício D de Montemolín, datado do século VII (Bandera Romero *et alii*, 1993, fig. 9, n.º 4), fenómeno que se prolongou pelo Pós-Orientalizante, como evidenciam Cancho Roano (Celestino e Jiménez, 1993, 196, n.ºs 2 e 4) ou a Azougada (Antunes, 2005, 84, n.º 224).

A manutenção da funcionalidade cinerária dos vasos *a chardon* parece ter perdurado na designada periferia tartéssica, onde se documenta na necrópole de Medellín ainda entre meados e o terceiro quartel do século VII, conforme testemunhado pela incineração 86G/29E, embora se registre já no mesmo período a sua utilização para oferenda, nomeadamente nas incinerações 86D/4 e 86G/29A (Almagro Gorbea, dir., 2006, 252, 288 e 291-292).

Destaca-se o vaso *a chardon* torneado da sepultura 19 da necrópole de La Joya pela semelhança morfológica que manifesta com o de Palhais, ostentando uma carena baixa e ligeiramente saliente (Garrido e Orta, 1978, 164, fig. 103, n.º 1).

Assinala-se a raridade destes recipientes no território actualmente português, tanto em contextos indígenas como coloniais, caso em que se nomeia o exemplar de Santarém (Arruda, 2000, 196). Regionalmente, sublinha-se a presença de um vaso *a chardon* no túmulo II da necrópole da Herdade do Pego, em Ourique (Dias, Beirão e Coelho, 1970, 205), que talvez constitua uma oferenda, ainda que a sua descontextualização, motivada pela destruição desta sepultura, impeça uma análise rigorosa. Trata-se, de qualquer modo, de um contexto mais recente que o da sepultura de incineração de Palhais, que poderemos integrar aparentemente no século VII, porventura dentro da segunda metade da centúria, aproximando-se do seu final, por uma questão de coerência do espaço funerário e da datação lata considerada para as restantes sepulturas.

O segundo recipiente corresponde a uma taça de fabrico manual com pé, que apesar de fragmentado aparenta ser pouco alto. Sobre as superfícies foi aplicada uma aguada de cor branca, sobre a qual foram desenhados os motivos decorativos com pintura vermelha, os quais se organizam em motivos radiais, tanto no interior como no exterior da peça. O bordo da taça é coroado por um conjunto de pequenos ornitomorfos que conservam ainda alguns vestígios de pintura vermelha.

As taças de pé elevado constituem uma morfologia pouco frequente nos repertórios artefactuais peninsulares da Idade do Ferro, reconhecendo-se como uma forma mais antiga que aparentemente não se identifica já no século V. Sublinha-se ainda a sua particular incidência em ambientes sepulcrais ou cultuais, embora com notória supremacia para os primeiros.

Na região do Baixo Alentejo não encontramos paralelos exactos para este recipiente. No entanto, são notórias algumas semelhanças com artefactos das necrópoles da área de Ourique (sem pintura nem ornitomorfos), nomeadamente da sepultura 1 do Mealha Nova (Dias, Beirão e Coelho, 1970, 200), possivelmente enquadrável no século VI (Arruda, 2001, 247) e no túmulo II da Herdade do Pego (considerada um suporte), sendo de destacar nesta última também a associação a um vaso *a chardon* (Dias, Beirão e Coelho, 1970, 204).

Na necrópole de Medellín estão presentes vasos de pé alto, neste caso de tendência carenada, em contextos da segunda metade do século VII, no enterramento em urna 82/83 (Almagro-Gorbea, 2007, 128, fig. 163, n.º 6) e da segunda metade do século VI a.C., nomeadamente no conjunto funerário 19, enquadrado na fase 2, que tem a particularidade de se tratar de um recipiente com pintura em bandas (Almagro Gorbea, 1977, 334, fig. 130, n.º 19-7, lâmina LXX, e 391). No que se refere ao motivo decorativo radial, realçamos, nesta necrópole, um vaso de fundo esférico, com pintura de tipo Medellín, decorado com uma película de pintura vermelha sobre a qual foram desenhados, no exterior, os motivos decorativos com uma pintura branca, em forma de estrela de oito pontas em torno de um *omphalus* e na parede vertical em bandas paralelas, proveniente do conjunto 21, enquadrado na fase 1 (Almagro Gorbea, 1977, 314, fig. 116).

Também com cronologias em torno dos séculos VII e VI, encontram-se os vasos de pé alto de fabrico manual da sepultura 12 de La Joya (Garrido y Orta, 1978, fig. 17, n.º 2) e dos túmulos A e B da necrópole de Setefilla, apresentando-se dois exemplares pintados com bandas vermelhas e negras alternadas, para além de outros lisos (Aubet, 1975, sepultura 17, figs. 23 e 39: 2; 1976, fig. 17, n.º 45; 1978, fig. 17; 1976, fig. 13, n.º 174), oriundos de sepulturas de incineração (Lladrón de Guevara *et alii*, p. 299 e 351, fig. 13, n.º 1). Um recipiente idêntico, actualmente desaparecido, foi também recolhido na campanha realizada em 1926-1927 por Bonsor no túmulo E de Setefilla (Bonsor, 1928; Aubet, 1976, 18).

Maiores semelhanças formais com o exemplar de Palhais conhecem as taças de pé alto de cerâmica cinzenta da Casa-Palácio Marqués de Saltillo (Belén *et alii*, 1997, 166-169, fig. 36, n.º 2 e 3), uma vez que são ovóides/hemisféricas. Neste sítio documentou-se um outro recipiente de pé elevado, de fabrico manual (Belén *et alii*, 1997, 171, fig. 39, n.º 2), proveniente de um espaço que teria tido uma funcionalidade sacra/cultural, o qual foi destruído em torno a meados do século VI, considerando os autores que a sua construção e utilização poderão recuar à primeira metade da centúria e mesmo à segunda metade do século VII (Belén *et alii*, 1997, 205).

Para além da peça de que temos vindo a falar, foi identificada uma outra taça de pé alto, de fabrico manual, sem vestígios de pintura e que apresenta também aplicações plásticas que reproduzem pequenas aves, orientadas para o interior da peça. Todavia, esta peça foi recolhida nas terras provenientes da destruição do sítio e ainda não foi possível definir com exactidão qual o seu contexto de proveniência (embora seja provável a sua associação a esta incineração, dada a semelhança com a taça pintada e a ausência de cerâmicas nas inumações).

Não será de afastar a possibilidade de estas taças terem sido utilizadas como suportes e sobretudo como *thymiatheria*, dos quais exalava o fogo cerimonial purificador, na medida em que estes elementos sacros fazem habitualmente parte dos conjuntos funerários dos contextos fenícios de época arcaica, dos séculos VIII-VII (Ruiz de Arbulo, 1996, 179), mas também tartéssicos ou orientalizantes, desaparecendo a partir de meados do século VI (Jimenez Ávila, 2002, 206 e 383), porventura por alteração da ritualidade e da ideologia que lhes subjazia.

Deverá ser sublinhado que nenhum dos paralelos citados apresenta uma decoração semelhante à das peças de Palhais, na medida em que, por um lado, não conhecem pintura

vermelha sobre uma aguada esbranquiçada e, por outro, não lhes foram aplicados sobre o bordo elementos plásticos, ornitomorfos em particular.

Não obstante todas as questões que ainda se colocam, consideramos que se trata de uma forma de inspiração tartéssica, uma vez que não se encontra representada na panóplia oleira regional do Bronze Final, que terá conhecido em Palhais uma reinterpretação motivada pela tradição coroplástica que o Baixo Alentejo evidencia ao longo da Idade do Ferro e que o distingue de outras regiões peninsulares. Não é estranha a ocorrência de objectos zoomórficos em contextos funerários da região, nomeadamente de ornitomorfos, como é o caso das aves de cerâmica das necrópoles de Chada (Beirão, 1986, 99) e de Corte Margarida (Deus e Correia, 2005, 617) e da tampa ornitomórfica do Cerro do Ouro (Beirão e Gomes, 1984, 436).

Um fragmento de colo possivelmente correspondente a um dos fundos de vaso da sepultura 3 apresenta motivos zoomorfos inseridos por meio de incisões pré-cozedura. Embora seja um fenómeno pouco frequente nos repertórios artefactuais dos primeiros séculos do I milénio a.C., dominados pela decoração geométrica, encontram-se zoomorfos (com supremacia da temática das aves) em recipientes cerâmicos do Baixo Guadalquivir e da actual Estremadura espanhola.

Entre as técnicas adoptadas para a sua representação contam-se a gravação, a incisão, a excisão e a pintura, correspondendo a contextos geográficos e culturais distintos. A cerâmica incisa encontra exemplos num recipiente do nível 5 do Bronze Final do Cabezo de San Pedro, em Huelva (Blázquez *et alii*, 1975, lâminas XXIX-n e XXXIII-b), num vaso de Saladares I, enquadrado entre 750-725 a.C. e em Azayla e Pompeya (Buero Martínez, 1984, 361). Quanto às cerâmicas excisas, pontuam no Soto de Medinilla e em Redal, na Meseta (Buero Martínez, 1984, 361). No que respeita aos motivos zoomórficos pintados, associados à cerâmica de tipo Carambolo, concentram-se entre o Tinto-Odiel e a bacia do Guadalquivir, em particular no território circundante de Sevilha (Buero Martínez, 1984, 357).

É interessante constatar que um dos temas recorrentes dentro da cerâmica de tipo Carambolo é a procissão ou cortejo de aves (Buero Martínez, 1984; Casado Ariza, 2001, 286). Preconiza-se, como hipótese de trabalho, que estes poderão ter sido substituídos pela tradição coroplástica do Baixo Alentejo, conforme testemunham os restantes recipientes com ornitomorfos de Palhais. Desse modo, apesar da alteração técnica da incisão e pintura para a aplicação de elementos plásticos, os recipientes de Palhais mantêm o tema que subjaz à ritualidade e à crença tartéssica, testemunhados pelos conjuntos de aves.

Neste capítulo toma lugar de destaque, uma vez mais, a necrópole de Medellín, por compartilhar um contexto funerário e interior com Palhais (ainda que constituam sítios sujeitos a processos de orientalização distintos, relacionados com as especificidades das vias de influência a que estavam conectados, a do Tejo e a do Sado-Guadiana, respectivamente). Aí recolheu-se uma taça de cerâmica cinzenta datada do último quartel do século VII, no interior da qual foram gravadas de forma livre (como em Palhais) duas corujas ou uma coruja e um mocho (Almagro Gorbea, 2007, 324, fig. 13, n.º 1).

A escassa cerâmica incisa, gravada e pintada com frisos de zoomorfos parece corresponder a um contexto antigo dentro do ambiente funerário tartéssico (porventura século VII) e

aparentemente é um fenómeno muito localizado cronologicamente (e talvez geograficamente, centrando-se na bacia do Guadalquivir, com indícios esporádicos na Estremadura espanhola, nomeadamente em Medellín e, agora, no Baixo Alentejo).

Parece assim defensável a hipótese que as taças com ornitomorfos sobre o bordo traduzam, no Baixo Alentejo, uma crença / religiosidade bem definida, alicerçada em rituais ou em práticas culturais concretas, representadas por cortejos / procissões de aves que, na área dita como propriamente tartéssica, na bacia do Guadalquivir, se encontram tendencialmente pintadas (na cerâmica de tipo Carambolo) ou, mais raramente, gravadas. No fundo, subjaz como elemento comum a ave e o seu papel na passagem para o mundo dos mortos, já que representaria o espírito do defunto (Fantar, 1970).

O “RECINTO FUNERÁRIO”

Em Palhais, identificámos e escavámos parte de uma estrutura maior, também ela escavada no substrato de base. Trata-se, segundo apurámos estratigraficamente, de uma construção anterior à utilização daquele espaço como local de inumação, pelo menos anterior em relação a algumas das sepulturas de inumação até à data escavadas (2 e 5). Em planta apresenta um claro contorno geométrico, rectangular, formado pela perpendicularidade dos seus três tramos de vala escavada na rocha. Estes autênticos “corredores” apresentam, nos pontos melhor preservados em relação ao topo do substrato, alturas na ordem dos 1, 30 m, por larguras variáveis entre os 0, 75 m e 1, 32 m. A extensão escavada, entre as partes internas dos tramos Oeste e Este é de 7, 20m (figura 13).

Avançámos com a possibilidade de ter sido a partir de um destes tramos, o mais ocidental, que se teria escavado a cavidade subterrânea correspondente à sepultura de incineração. Não sabemos se assim foi, e dada a destruição votada sobre a possível intersecção das duas construções, nunca o saberemos. É de estranhar, ainda assim, a localização dessa sepultura de incineração em relação a este hipotético recinto. Tendo as duas estruturas a mesma orientação, Oeste/Este, não deixa de ser curioso o posicionamento, ainda que limitados obviamente à visão da área escavada, entre esta sepultura e aquela maior que a envolve. Sublinhe-se, por outro lado, a localização descentrada da incineração relativamente ao “recinto” e a maior antiguidade que se pode aparentemente inferir a partir do conjunto artefactual que lhe estava associado, donde se poderá também concluir de uma ausência de relação física e de contemporaneidade entre as duas estruturas.

Embora não tenhamos constatado paralelos evidentes para esta estrutura sabemos, pelo que conseguimos apurar, que valas escavadas na rocha, em associação a diferentes núcleos de sepulturas (de inumação) da Iª Idade do Ferro, como no caso concreto de Monte do Marquês 7, ou Vinha das Caliças 4, têm vindo a ser identificadas em sítios relativamente próximos a Palhais. Ainda assim, é importante notar que a designação dada a estruturas similares de Monte do Marquês 7 foi a de “fossos”, tendo-se-lhe atribuído inclusivamente uma cronologia mais antiga (Calcolítica?).

No caso de Palhais e em virtude da realidade observada na Vinha das Caliças 4, impõe-se colocar uma questão relativa à efectiva articulação entre os segmentos Sul e Oeste do “recinto”, na medida em que poderiam apenas adossar ou aproximar-se, sem que existisse uma ligação

directa entre ambos, o que remeteria para a existência de dois “recintos” distintos e não apenas de um isolado, o que só poderá ser confirmado mediante a escavação da pequena parcela de terreno que não foi possível intervencionar entre ambos.

Do mesmo modo, constata-se uma maior largura do segmento Oeste deste “recinto”, tendo-se comprovado arqueologicamente a existência de dois momentos na sua construção, os quais remetem para duas leituras possíveis. Poderá equacionar-se a necessidade de alargamento do “corredor”, por motivos desconhecidos ou antever-se a existência de um outro “recinto” paralelo (o que parece deter maior probabilidade em função do registo estratigráfico, na medida em que parecem evidentes dois preenchimentos horizontalmente distintos).

A relação desta estrutura com as sepulturas 1, 2 e 5 destaca ainda algumas observações no quadro do faseamento construtivo da necrópole de Palhais, como a abertura da inumação 1 no interior do próprio “recinto”, parcialmente definida pelos seus limites físicos, em oposição à sepultura 2 e eventualmente à sepultura 5 que o cortam. Esta relação, bem como a *supra* referida hipótese de leitura desta estrutura com a sepultura 4, poderia ser explicada por uma eventual antiguidade das sepulturas 1 e 4 face às restantes inumações, que mantendo características similares, parecem todavia obedecer a uma nova delimitação do espaço sepulcral que extravasa os limites físicos e porventura sócio-simbólicos do espaço original (quicá explicados por fenómenos de diferenciação social, tradições familiares e linhagens, entre outros).

A escavação do interior desta estrutura maior revelou um enchimento horizontal homogéneo, composto pela sucessão linear de três distintas camadas. Proveniente da escavação deste enchimento é algum do material cerâmico recolhido em Palhais, com especial incidência na quadrícula C2 (c.3 e 4) onde se destaca um conjunto composto por uma taça hemisférica de bordo boleado e um vaso ovóide, a par com um vaso de perfil em S e fundo plano com incisões ziguezagueantes sobre o ombro. Resulta pouco clara a proveniência de um pequeno unguentário, recolhido nas terras da abertura da vala de obra, que poderá pertencer a este conjunto cerâmico ou ao espólio fúnebre da sepultura 3 (figuras 14 e 15).

Sendo uma forma de origem oriental, o unguentário ocorre tanto em sítios fenícios como indígenas, entre o século VIII e meados do século VI, data a partir da qual é substituído por outras produções (sobretudo de pasta vítrea) que mantêm, não obstante, o mesmo conteúdo, nomeadamente unguentos ou óleos perfumados (Mayet e Silva, 2000, 52; Ramón, 1982, 18-20). Na Andaluzia Ocidental os unguentários encontram-se ausentes de necrópoles como as de Jardín, Frigiliana, Puente de Noy e Villaricos, cujo início de ocupação remonta ao começo do século VI (Martín Ruiz, 1982, 34).

A título de exemplo, no povoado do Morro de Mezquitilla, os unguentários são muito mais frequentes no século VIII do que na centúria seguinte, apresentando-se agora o bordo mais unguoso (Maass-Lindermann, 1999, 130-131 e 141). No povoado do Castillo de Doña Blanca (Cádiz) ocorrem unguentários nos séculos VII e VI (Ruiz e Pérez, 1995, 82, fig. 18, n.º 3 e 85, fig. 21, n.º7). No Cerro del Villar, documenta-se um unguentário no estrato IIb do corte 5, balizado no início do século VI (Aubet *et alii*, 1999, 77 e 119, fig. 75, h).

O unguentário de Palhais enquadra-se, de um modo muito geral, no tipo VIII de A. Arévalo, assemelhando-se assim parcialmente aos congéneres de Chorreras, sítio que foi ocupado entre a segunda metade do século VIII e o início da centúria seguinte (Martín Ruiz, 1995, 84 e 112). Enquadra-se nos tipos B4, A5 e C1 de Ramón no que concerne, respectivamente, ao fundo, ao bojo e ao bordo, sem que o autor consiga precisar uma cronologia concreta para a associação destas morfologias, em virtude da variedade de detalhes que os unguentários apresentam em todo o Mediterrâneo (1982, 23, fig. 2). Entre os exemplares que este autor publica, sublinha-se uma maior semelhança com peças das necrópoles de Byblos (n.º 62) e de Akhziv (n.º 64), no Mediterrâneo Oriental, assumindo ambos os casos um intervalo cronológico entre os séculos IX-VIII a.C. (Ramón, 1982, 26 e 33), difícil de sustentar para Palhais, mesmo considerando um demorado percurso ao longo de toda a orla mediterrânica. Entre os exemplares peninsulares, os que mais se assemelham a Palhais são os provenientes de Ibiza, da necrópole de Puig des Molins, cronologicamente balizados entre 625 e 575 a.C. (Rámon, 1982, 26 e 35, n.os 56 e 57), o que resulta mais verosímil. Não obstante, a origem desta peça (aparentemente) importada, não será fácil de discernir.

No interior peninsular, encontram-se unguentários na necrópole de Medellín, no conjunto 82/15B, datado entre 600-575 a.C. (Almagro Gorbea, 2007, 122, fig. 147, n.º 1). Num âmbito regional de influência oriental/orientalizante mais próximo, encontram-se unguentários relativamente semelhantes ao de Palhais (uma vez que todos os exemplares se encontram muito incompletos) em Abul A, nos horizontes 1C (Mayet e Silva, 2000, 95, fig. 24, n.º 124), 1C / IIA e IIA (Mayet e Silva, 2000, 113, fig. 316, n.º 315), correspondentes ao final da ocupação do edifício da primeira fase de construção e ao início da reorganização do espaço construído, desmantelando-se algumas estruturas e procedendo-se ao nivelamento da área para a construção do novo edifício (fase IC / IIA) e à construção do edifício da segunda fase (IIA) – Mayet e Silva, 2000, 28, o que se enquadra cronologicamente no século VII.

DISCUSSÃO

Face à ausência de uma estratigrafia horizontal que permita observar a dimensão, organização e estruturação internas das sepulturas e da necrópole de Palhais, estamos limitados a pequenas observações sobre a sua arquitectura funerária e a natureza tipológica das suas sepulturas, divergindo fundamentalmente nos rituais funerários observados: incineração com deposição secundária em urna e inumação.

Tipologicamente as sepulturas de inumação 1, 2 e 4 parecem inscrever-se no tipo III.1, variantes b-c das sepulturas fenício-púnicas do Mediterrâneo Ocidental de Tejera Gaspar (1979, 58-61) de estruturas em fossa escavadas na rocha ou no solo de plantas diversificadas, desde rectangulares ou subrectangulares a trapezoidais ou ovaladas. Regra geral, as suas dimensões estão em relação directa com as dimensões dos cadáveres inumados, podendo apresentar cobertura, normalmente de lajes ou materiais perecíveis. Cronologicamente, este tipo de estruturas de inumação está atestado na Península Ibérica desde o século X a.C. em momentos pré-coloniais, podendo ser interpretado à luz das tradições funerárias de cariz local e regional

(Torres Ortiz, 1998, 137), ainda que no mundo fenício se reconheçam tradições funerárias com enterramentos em fossa simples desde 2500 a.C. (Tejera Gaspar, 1979, 57)

Estruturas similares às de Palhais, de planta subrectangular com os cantos arredondados possuem paralelos em diversas necrópoles orientalizantes da Andaluzia Ocidental como La Cruz del Negro, El Acebuchal, Villaricos, Cerro del Mar, El Jardín ou Ibiza (Puig des Molins). A orientação geral destas estruturas, tal como em Palhais, é este-oeste, dominante nas necrópoles do Baixo Guadalquivir e da Estremadura espanhola, ocorrendo igualmente estruturas tumulares análogas em fossa simples com orientações Norte-Sul (dominante na região de Huelva, em La Joya) e Nordeste-Sudoeste (Torres Ortiz, 1998, 136). No caso de Palhais, as inumações são, até à presente data, exclusivamente femininas, facto não raro em outras necrópoles, como La Cruz del Negro, onde se destacam também inumações infantis (Maier, 1992, 111). A deposição dominante nos ambientes tartéssicos é igualmente o decúbito lateral flexionado, observado nas fossas 2, 5 e 8 de La Vega de Santa Lucia, nos “lapidados” de El Acebuchal, em Osuna e na sepultura 14 de La Joya (Torres Ortiz, 1998).

Segundo a descrição de Abel Viana, as sepulturas de inumação da destruída necrópole da Herdade das Carretas, em Quintos, devem igualmente enquadrar-se nesta tipologia e fornecem, até à presente data, alguns dos paralelos geograficamente mais próximos de Palhais (a par com as necrópoles muito próximas do Monte do Marquês e Vinha das Caliças 4, esta última em fase de escavação). O autor descreve um vasto conjunto de inumações em fossa de formato rectangular, escavadas na rocha de base, calíço diorítico brando, sem quaisquer evidências de cobertura (Viana, 1945, 311). O espólio associado, do qual, como em Palhais, não constavam quaisquer elementos cerâmicos, era composto por fragmentos de armas (pontas de lança, adagas, dardos) e objectos de adorno (Viana, 1945) entre os quais uma fíbula de tipo Bencarrón, de cronologia enquadrável entre os finais do século VII e os inícios do século VI a.C. (Ponte, 1986).

De facto, a presença deste tipo de estruturas em Palhais deve ser entendida à luz das tradições funerárias regionais que revelam desde o Bronze Médio e Bronze Final (ainda que em menor número) a presença dominante do ritual de inumação em fossa, com plantas variadas, nas necrópoles da região de Santa Vitória e Ervidel (Mós, Outeiro, Pedreirinha, Assento e na grande necrópole da Alfarrobeira de Cima, Trindade) e nos locais escavados recentemente ao abrigo do programa de Minimização de Impactes do Bloco de Rega do Pisão, na região de Beringel, revelando um padrão que podemos hipoteticamente equacionar como extensível à restante região Baixo-Alentejana e ao Algarve, onde o ritual de inumação assume expressão, embora testemunhando distintas tipologias na arquitectura tumular. Nesta última área, a inumação assume-se como o ritual dominante em sepulturas, regra geral, rectangulares em cista, sem vestígios de outras estruturas tumulares e de espólios pouco diversificados onde abundam contas oculadas, algumas cerâmicas, objectos de bronze e escassos elementos de ouro, como a necrópole da Fonte Velha de Bensafrim (Rocha, 1975; Arruda, 2004) ou a sepultura de inumação dos Gregórios (Barros *et alii*, 2003).

Na região Baixo-Alentejana, destacam-se ainda inumações em cista na necrópole de Corte Margarida, em Aljustrel (Deus e Correia, 2005) a par com a presença do ritual de incineração,

normalmente secundária e por vezes em urna nas necrópoles da zona de Ourique (Jímenez Ávilla, 2002-2003, 91), que após revisões cronológicas recentes (Torres Ortiz, 1998; Arruda, 2001 e 2004; Jimenez Ávilla, 2003), estão hoje datadas dos meados do século VI a.C., pela presença de contas de pasta vítrea (em abundância), de fíbulas anelares e de escaravelhos.

A definição tipológica da sepultura de incineração 3 afigura-se, por ora, mais complexa dada a destruição provocada pela abertura da vala de obra, inibindo possíveis considerações arquitectónicas sobre este espaço sepulcral. Trata-se, como as demais, de uma sepultura escavada no substrato rochoso de contornos semi-rectangulares na base com nicho lateral no fundo que continha a urna, sendo o conjunto ritual composto exclusivamente por cerâmica. Os restantes contornos e relações estratigráficas encontram-se truncados, sendo impossível aferir a sua relação com a inumação 2, parcialmente escavada sobre a sepultura 3 (pelo que possivelmente a terá cortado) e sobretudo com o recinto funerário que delimitava este espaço.

A título de hipótese, poderíamos estabelecer a relação desta sepultura com o designado “recinto” enquanto área ou “dromos” de acesso ao espaço sepulcral, tipologicamente aproximada à proposta de reconstituição da sepultura 18 de incineração da necrópole de La Joya, também ela não isenta de controvérsia (Garrido e Orta, 1978, 124-125, fig. 76; Torres Ortiz, 1998, 142) e às sepulturas de tipo poço e câmara das necrópoles de Marchena, em Sevilha (Ferrer Abelda, 1992) e de “Laurita”, em Almuñecar (Pellicer Catalán, 1962, 2004). Nesta última, são visíveis estruturas funerárias em poço com nicho lateral e incinerações em urna seladas por uma ou várias lages (sepulturas 14 e 15), onde o poço propriamente dito, com ou sem nichos laterais, parece corresponder a uma simplificação dos hipogeus orientais, normalmente de enterramentos múltiplos (Pellicer Catalán, 2004, 16) com as urnas depositadas na vertical, sem quaisquer cinzas ou carvões, na maioria das vezes em nicho lateral decoradas com ocre vermelho.

A presença de recipientes cerâmicos completos em determinados pontos do “recinto” deve ser sublinhada, sugerindo uma leitura relacionada com práticas de cariz cultural, em que aqueles testemunhariam banquetes rituais ou a deposição de oferendas votivas possivelmente pós-funerárias, que traduziriam mecanismos de retorno ao espaço sepulcral em momentos posteriores ao da morte, documentados aliás de forma generalizada em ambiente funerário na Idade do Ferro.

Desconhece-se se e em que momento o “recinto” seria efectivamente percorrível. Por um lado, seria lógico ponderar a sua funcionalidade como um *dromos* de acesso à incineração, embora esta articulação não se possa comprovar arqueologicamente pela destruição causada pela vala da obra. Por outro lado, embora não exclua o anterior, a presença da inumação 1 dentro dos limites do “recinto” testemunhará a utilização sepulcral do mesmo, que não constituiria assim meramente uma delimitação do espaço funerário, mas antes uma estrutura mais complexa, que articularia de modo coerente (e com um significado que não iremos discutir no presente momento) um conjunto sepulcral, no qual a inumação 4 poderá ter assumido um posicionamento central. O corte que as sepulturas 2 e 5 impõem ao “recinto” não invalida este uso, traduzindo possivelmente outra fase de ocupação do espaço, durante a qual perduram as inumações mas na qual o “recinto” já não se mantinha em funcionamento de acordo com a sua concepção original.

Apenas uma intervenção arqueológica mais alargada em Palhais nos permitiria responder a estas questões, sobretudo pela percepção de eventuais reformulações do “recinto” em particular e do espaço sepulcral em geral.

A coexistência em Palhais de distintos rituais fúnebres e práticas cultuais não é de todo desconhecida do mundo funerário orientalizante e deve ser analisada, à luz da investigação actual, sob diversos modelos explicativos assentes em padrões de diversidade ao nível de sexo, idade, tradições familiares espelhadas em processos de diferenciação social e de estatuto socio-económico ou em diferenciações de cariz cultural e étnico associadas às populações colonizadoras.

Ainda que a presença do ritual de incineração com deposição em urna e a inumação individual em fossa simples estejam atestadas no mundo peninsular em momentos claramente pré-coloniais e possam ser parcialmente justificadas por tradições culturais antigas radicadas no Bronze Médio e Final, é notória a influência que o fenómeno Orientalizante assume na introdução de novas conceptualizações e práticas religiosas testemunhadas nas suas necrópoles e nos respectivos espólios funerários. Este fenómeno é igualmente visível em Palhais, onde estamos em crer subsistirem distintas concepções simbólico-religiosas radicadas em diferentes perspectivas da morte e da religiosidade, que passa a adquirir uma carga simbólica transportada pelo indivíduo nos seus pertences pessoais nas inumações, por oposição ao verificado na incineração, onde a ritualização do indivíduo é feita através de recipientes-mensagem de vincado significado para a comunidade, em concreto no espólio com clara alusão aos zoomorfos e, em particular, às aves, que testemunham um contexto cultural muito preciso de crenças e rituais globalmente assimilados, concretizados e reconhecidos, independentemente do modo como são retratados nos receptáculos eleitos para a transmissão da mensagem.

Aparentemente encontramos associados em Palhais recipientes que poderão ser considerados complementares enquanto objecto-mensagem e que parecem traduzir uma crença / religiosidade bem definida, alicerçada em rituais ou em práticas cultuais concretas, representadas por cortejos / procissões de aves que, na área dita como propriamente tartéssica, na bacia do Guadalquivir, se encontram tendencialmente pintadas (na cerâmica de tipo Carambolo) ou, mais raramente, gravadas, subsistindo no fundo como elemento comum a ave, identificada com o espírito do defunto e o seu papel na passagem para o mundo dos mortos, conforme sublinhámos (Fantar, 1970).

Conforme se invocou, parece defensável a hipótese que a tradição coroplástica que o Baixo Alentejo evidencia ao longo da Idade do Ferro e que o distingue de outras regiões peninsulares tenha preterido (com o tempo ou no mesmo momento?) os recipientes incisos ou pintados, razão pela qual as peças de Palhais são casos únicos, ainda que o seu simbolismo e religiosidade permaneçam.

Por seu turno, as inumações manifestam igualmente esta religiosidade patente, representada contudo a título individual e materializada por objectos revestidos de forte carga simbólica, como o fecho de cinturão ou o “amuleto” discóide, a que também parecem ser inerentes conceitos de *status* e diferenciação ou hierarquização social. A presença em duas inumações femininas de

Palhais (1 e 2) de conjuntos de toucador de bronze, elementos muito pouco divulgados, até à presente data, nos repertórios artefactuais peninsulares apontam igualmente para a diferenciação socio-económica dos indivíduos inumados.

Há que salientar que, para além da diversidade construtiva que espelha o fenómeno tumular dos séculos VII e VI a.C., há uma real ausência de necrópoles escavadas no Sudoeste Peninsular relativas a esta etapa, a par com as significativas variações ou diversificações regionais deste fenómeno (Torres Ortiz, 2004).

Não obstante, são evidentes algumas aproximações da necrópole de Palhais aos conjuntos sepulcrais da região de Los Alcores e de Carmona, nomeadamente La Cruz del Negro. Neste local, Georges Bonsor escavou diversas sepulturas de inumação e incineração em pira funerária com os restos depositados em urna e com espólio funerário associado. Entre os receptáculos cerâmicos utilizados como urna destacavam-se as urnas Cruz del Negro, vasos manuais de tradição tartéssica e vasos *a chardon*, encontrando-se estes últimos igualmente vulgarizados nas sepulturas de incineração das necrópoles orientalizantes de La Joya, em Sevilha, Las Cumbres, em Cádiz ou Medellín, onde estão datados de 650-600 a.C. (conjunto 70/7, Almagro-Gorbea, 2007, 63-64, fig. 60, 2). Os espólios metálicos, quando existentes, registavam fechos de cinturão, fíbulas, pulseiras de bronze, facas afalcatadas e pontas de lança de ferro, escaravelhos e alabastros de pequeno tamanho, ocorrendo residualmente elementos de joalheria de ouro e prata. A tipologia das piras funerárias correspondia, tal como em Alcácer do Sal, a fossas de secção escalonada ou de canal central, desconhecendo-se como tal se processaria em Palhais.

Em particular no caso português, a informação é muito desigual e espartilhada, carecendo, na maioria dos casos, de informações sobre a organização espacial e articulação internas destas necrópoles, ressaltando evidentes as profundas assimetrias regionais relativas ao mundo funerário quando se procura caracterizar localmente as diferentes áreas da cultura tartéssica (Torres Ortiz, 2004).

Será contudo na zona litoral atlântica que se concentram as melhores evidências de presenças e/ou influências mediterrâneas mais arcaicas, factor assumido pelo facto do estuário do Sado corresponder a uma área onde a presença de navegadores/comerciantes orientais está documentada ao nível do povoamento com Abul, Setúbal e Alcácer do Sal (Arruda, 2004, 478). Esta necrópole, integrada no grupo de necrópoles designadas planas (Almagro-Gorbea, 1996, 64-65), apresenta sepulturas de inumação e de incineração em urna e cremação em fossa, com notáveis afinidades com as necrópoles tartéssicas (Torres Ortiz, 2004, 434), tratando-se igualmente dos poucos casos de necrópole associada ao povoado. Compreende quatro tipos de sepulturas organizados em duas categorias com dois rituais distintos: incineração *in situ* e incineração em *ustrinum* com deposição em urna (Arruda, 2002, e 2004, 460). As primeiras parecem ser anteriores às incinerações em urna, apesar de em dado momento coexistirem. Parte das incinerações em urna ocorre, segundo as descrições de Vergílio Correia, com deposição das urnas em terreno firme, sobre a rocha de base, por vezes escavada para o efeito, apresentando calçamento de pedras de pequenas dimensões, com paralelos nas necrópoles de Ibiza. Parecem existir tipologias de sepulturas em fossa com canal central ou escalonadas e também sepulturas

de fossa simples. Associadas às primeiras parecem estar alguns espólios específicos como os escaravinhos, as lanças tipo “Alcácer do Sal” e os restos das rodas de carros. Estas sepulturas, assim como os seus espólios claros parecem apontar, para além de uma clara filiação mediterrânea e oriental, para cronologias enquadradas nos séculos VII-VI a.C (Arruda, 2004, 465).

Ainda na zona litoral devemos salientar o Tesouro do Gaio, oriundo de uma sepultura do tipo cista, pertencente a uma necrópole mais vasta na região de Sines (Arruda, 2004, 467) e as sepulturas do Casal de S. João na zona de Torres Vedras, com o recipiente metálico com “asas de mãos” e o *oinochoe* de bronze que remetem para rituais de ablução, indicando não só o estabelecimento de relações comerciais como muito provavelmente a adopção de práticas funerárias de tipo oriental (Arruda, 2002, e 2004, 469).

Como hipótese, poderíamos pensar que, pelo seu cariz de antiguidade nos contactos com o mundo fenício, a região de Alcácer do Sal e o seu estuário poderão ter correspondido, no caso em questão, à porta de entrada de conjuntos de importação, como o unguentário e as contas oculadas reconhecidas em Palhais e de influências e modelos de sincretismo religioso ali assumidos.

A presença de outros espaços sepulcrais nas imediações de Palhais (Monte do Marquês e Vinha das Calças 4, com as suas contas oculadas antigas), ainda em fase de estudo mas onde se podem antever as influências mediterrâneas, parece corroborar a presença de redes e contactos entre o litoral atlântico e o interior alentejano, onde a região de Beja, pela sua condição de fronteira natural, situada entre as bacias hidrográficas do Tejo e do Guadiana se assumiria como um território preferencial de contactos e intercâmbios, restando ainda aferir, neste panorama, o papel do grande povoado do Outeiro do Circo (Parreira, 1975; Parreira e Soares, 1980), cuja ocupação na Idade do Ferro permanece por esclarecer.

A (aparente) antiguidade do conjunto artefactual recuperado em Palhais (séculos VII-VI a.C.) parece igualmente reforçar esta assumpção, enquadrando esta necrópole em momentos cronológicos antigos, coevos, pelo menos, da fase de incinerações em urna da necrópole de Alcácer do Sal e anteriores ao século VI a.C., fase de generalização do fenómeno tumular da restante região do Baixo-Alentejo, nomeadamente da zona de Ourique e Aljustrel.

Por outro lado, não poderá ser afastada a influência directamente exercida pelo Tinto-Odiel, já que se apreciam algumas afinidades com La Joya e sobretudo pelo Baixo Guadalquivir, particularmente pela área de Sevilha, destacando-se particularmente a existência de um fecho de cinturão igual ao da inumação 2 de Palhais na necrópole da Cruz del Negro, para além da inspiração ornitomórfica dos recipientes cerâmicos.

Terminamos por ora reconhecendo aqui ter plasmado mais dúvidas do que certezas, fruto das limitações de interpretação do sítio devido à destruição que lamentavelmente sofreu e do estado relativamente incipiente dos estudos em curso sobre o mesmo, manifestando contudo a certeza

de obter problematizações e decorrentes leituras mais aprofundadas e fundamentadas a breve prazo, não só pelo desenvolvimento da investigação, mas também pela possibilidade de contrastação de dados com outros sítios idênticos que têm vindo a surgir na proximidade de Palhais⁵.

⁵ Gostaríamos de expressar um sincero agradecimento a Javier Jiménez Ávila (Instituto de Arqueologia de Mérida) pela pronta e constante disponibilidade, bem como pela preciosa ajuda que nos deu no estudo da cultura material e no acesso a bibliografia; a Maria de Fátima Araújo, António Monge Soares e Pedro Valério (Instituto Tecnológico e Nuclear) pela colaboração e pela expedita análise de alguns adornos, que permitiu confirmar a sua realização em prata, a Virgílio Hipólito Correia (Museu Monográfico de Conímbriga), pela colaboração na escavação da urna e de outros vasos em laboratório e pela solução encontrada para a conservação e restauro das cerâmicas, a Luís Araújo (Universidade Nova de Lisboa) e a Susana Bailarim pela ajuda prestada no estudo preliminar do escaravelho, a José Paulo Ruas pela fotografia do colar da sepultura 1 e pelas fotografias individuais dos elementos de adorno e do fecho de cinturão da sepultura 2, a Rui Barbosa, arqueólogo director da escavação na Vinha das Calças 4, pela atenção dispensada em todas as visitas e pela abertura para a discussão e partilha de dados e a Jorge Vilhena, pela colaboração prestada.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO BASCH, M. (1953), *Las necrópolis de Ampurias. I Introducción y necrópolis griegas*, Barcelona.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1969), *La necrópolis de "las Madrigueras". Carrascoza del Campo (Cuenca)*, Biblioteca Praehistorica Hispana, X, Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977), *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*, Biblioteca Praehistorica Hispana XIV, Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1996), *Ideología y poder en Tartessos y el mundo ibérico*, Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (2007), *La necrópolis de Medellín, I. La excavación y sus hallazgos*, Madrid.
- AMORES, F. e FERNÁNDEZ, A. (2000), "La necropolis fenicia de la Cruz del Negro, Carmona, Sevilla", *Argantonio, Rey de Tartessos* (Aranegui, C., Ed.), Sevilla, 156-163.
- AMORÓS, L.R. (1974), "La Cueva sepulcral prerromana de "Son Maimó" en el término municipal de Petra (Mallorca)", *Prehistoria y Arqueología de las Islas Baleares*, VI Symposium de Prehistoria Peninsular, Barcelona, 137-174.
- ANTUNES, Ana Sofia (2005), *Castro da Azougada – conjunto cerâmico. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*, Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ARCO, M. C.(1979), "Aproximación a una tipología del enterramiento tumular en la Protohistoria Peninsular: Los Alcores (Sevilla)", *XV Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza. 91-604.
- ARRUDA, A. M. (2000), *Los fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el Centro y Sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*, Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6, Barcelona.
- ARRUDA, A. M. (2001), "A Idade do Ferro Pós-Orientalizante no Baixo-Alentejo", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4/2, 207-291.
- ARRUDA, A. M. (2004), "Necrópolis proto-históricas do Sul de Portugal: o mundo oriental e orientalizante", *El mundo funerario, Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios* (González Prats, A., Ed.), Alicante, 457-494.
- AUBET, M. E. (1975), *La necrópolis de Setefilla en Lora del Río. Túmulo A*, Barcelona.
- AUBET, M. E. (1976), "La cerámica púnica de Setefilla", *Studia Archaeologica*, 42, 19-65.
- AUBET, M. E. (1978), "La cerámica a torno de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla)", *Ampurias*, 38-40, 267-287.
- AUBET, M. E. (1978), *La necrópolis de Setefilla en Lora del Río, Sevilla (Túmulo B)*, Barcelona.
- AUBET, M. E. (1979), "Marfiles fenicios del Bajo Guadalquivir I. La Cruz del Negro", *Studia Archeologica*, 52, 5-67.
- AUBET, M. E. (1980-81), "Nuevos hallazgos en la necrópolis de Setefilla", *Mainake*, II-III: 87-98.
- AUBET, M. E. (1982), "Los enterramientos bajo túmulo de Setefilla", *Huelva Arqueológica*, VI, 49-61.
- AUBET, M. E. (1982), "Un vaso a mano con decoración pintada de los Alcores de Carmona", *Trabajos de Prehistoria*, 39, 385-388.

- AUBET, M. E. (1986), "Contactos culturales entre el Bajo Guadalquivir y el Noroeste de África durante los siglos VII y VI a.C.", *Atti di Congresso Internazionale de Amalfi. 5-8 diciembre 1983*, Nápoles, 109-144.
- BANDERA ROMERO, M^a Luisa de la *et alii* (1993), "Montemolín. Evolución del asentamiento durante el Bronce Final y el Periodo Orientalizante (campañas de 1980 y 1981)", *Anales de Arqueología Cordobesa*, 4, 5-47.
- BARROS, P.; BRANCO, G.; DUARTE, C. e CORREIA, J. (2003), "A cista dos Gregórios (Silves)", *Xelb*, 5, *Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve*, 41-52 .
- BEIRÃO, C. M. (1986), *Une civilisation protohistorique du Sud du Portugal (1er Âge du Fer)*, Paris.
- BELÉN, M. *et alii* (1997), *Arqueología en Carmona (Sevilla). Excavaciones en la Casa-Palacio del Marqués de Saltillo*, Sevilla.
- BENDALA GALÁN, M. e BELÉN DEAMOS, M., -Dirs.- (2007), *El nacimiento de la ciudad: la Carmona protohistórica*, Sevilla.
- BENICHO-SAFAR, H. (1957), *Les thombes puniques de Carthage. Topographie, structures, inscriptions et rites funéraires*, Paris.
- BLANQUEZ PÉREZ, J. J. (1990), *La formación del mundo ibérico en el Sureste de la Meseta. Estudio arqueológico de las necrópolis ibéricas de la provincia de Albacete*, Albacete.
- BLÀSQUEZ-MARTÍNEZ, J. (1963), "Joyas Orientalizantes extremeñas del Museo Arqueológico Nacional de Madrid", *Zephyrus*, 14,5-15.
- BLÀSQUEZ, J. M., RUIZ, D., REMESAL, J., RAMÍREZ, J. L., e CLAUSS, K. (1979), *Excavaciones en el Cabezo de San Pedro (Huelva). Campaña de 1977*, *Excavaciones Arqueológicas en España*, 102, Madrid.
- BONSOR, G. (1899), "Les colonies agricoles préromaines de la vallée du Bétis", *Revue Archéologique*, XXXV, 1-143.
- BONSOR, G. (1927), "La véritable origine de Carmona et les découvertes archéologiques de Alcores", *Revue Archéologique*, 5^a série, 285-300.
- BONSOR, G. (1928), *Nécropole ibérique de Setefilla, Lora del Río (Sevilla)*, Bibliothèque de l'École des Hautes Études Hispaniques, XIV, Bordeaux.
- BONSOR, G. (1997 [1899]), *Las colonias agrícolas prerromanas del valle del Guadalquivir*, Sevilla.
- BUERO, M. S. (1984), "Los motivos naturalistas en la cerámica pintada del Bronce Final del Suroeste peninsular", *Habis*, 15, 345-364.
- BOULOUMIÉ, B. (1978), "Les tumulus de Pertuis (Vaucluse) et les oenochoés «rhodiennes» hors d'Étrurie", *Gallia*, 36/1, 1-241.
- CARDOSO, J.L. (2000), "Manifestações Funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milenios a.C.). Breve Síntese," *Actas do 3º congresso de Arqueologia Peninsular*, V, Porto, 61-99.
- CASADO ARIZA, M. J. (2001), "La cerámica con decoración grabada de época tartésica: estado actual de la cuestión", *Spal*, 10, 283-293.
- CELESTINO PÉREZ, S., -Ed.- (1999), *El Yacimiento Protohistórico de Pajares. Villanueva de la Vera. Cáceres. 1. Las Necrópolis y el Tesoro Áureo*, Mérida.

- CELESTINO PÉREZ, S. e JIMÉNEZ ÁVILA, F. J. (1993), *El palacio-santuario de Cancho Ruano IV (el Sector Norte)*, Badajoz.
- CERDEÑO, M. GARCÍA-HUERTA, R., BAQUEDANO, I., y CABANES, E. (1996), "Contactos interior-zonas costeras durante la edad del hierro: los focos del noreste y suroeste meseteños", *Complutum Extra*, 6/1, 287-312.
- CORREIA, V. H. (1993) "Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no Baixo Mondego", *Estudos Orientais*, IV, 229-284.
- CUADRADO, E. (1963), *Precedentes y prototipos de la fíbula anular hispánica*, Trabajos de Prehistoria del Seminario de Historia Primitiva del Hombre, VII, Madrid.
- CUADRADO, E. e Brito, M. (1970), "Broches tartésicos de cinturón de doble gancho", *XI Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, 494-514.
- DEUS, M., e CORREIA, J. (2005), "Corte Margarida. Mais uma necrópole Orientalizante no Baixo Alentejo", *El Período Orientalizante*, Protohistoria del Mediterraneo Occidental, Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida (F. Celestino Perez y J. Jiménez Ávila, Eds.), Anejos de Archivo Español de Arqueología, XXXV, I, 615-618.
- DIAS, M. M., BEIRÃO, C.B. e COELHO, L. (1970), "Duas necrópoles da Idade do Ferro do Baixo-Alentejo: Ourique", *O Arqueólogo Português*, III/4, 175-219.
- DIAS, M, e COELHO, L. (1983), "Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique)", *O Arqueólogo Português*, Série IV/1, 197-206.
- DUBIN, L. S. (1987), *The History of Beads*, London.
- FANTAR, M. H. (1970), *Eschatologie phénicienne et punique: collection, note et documents*, Tunis.
- FERNÁNDEZ JURADO, J. (1988-1989), *Tartessos y Huelva*, Huelva Arqueológica, X-XI, Huelva.
- FERNÁNDEZ GOMEZ, F. (1997), *La Necrópolis de la Edad del Hierro de "El Raso" (Candeleda. Ávila)*. "Las Guijas, B", Zamora.
- FERRER ABELDA, E. (1999), "La olvidada necrópolis Fenicia de Marchena (Sevilla)", *Spal*, 8, 101-114.
- GARRIDO, J. P. (1970), *Excavaciones en la necrópolis de «La Joya» Huelva I (1ª y 2ª campañas)*. Excavaciones Arqueológicas en España, 71, Madrid.
- GARRIDO, J. P. e ORTA, E. M. (1994), *El hábitat antiguo de Huelva*, Excavaciones Arqueológicas en España, 171, Madrid.
- GONZÁLEZ PRATS, A. (1983), *Estudio arqueológico del poblamiento antiguo de la Sierra de Crevillente (Alicante)*, Anejos de la Revista Lucentum, Alicante.
- JÍMENEZ ÁVILA, J. (2002), *La toréutica orientalizante en la Península Ibérica*, Madrid.
- JÍMENEZ ÁVILA, J. (2003), "Estructuras tumulares en el Suroeste Ibérico. En torno al fenómeno tumular en la Protohistoria Peninsular", *Boletín de la Asociación Española de los Amigos de la Arqueología*, 42, 1-120.
- JÍMENEZ ÁVILA, J. (2004), "La necrópolis de el Jardal (Herrera del Duque, Badajoz). Elementos para una revisión cronológica de las Necrópolis de la 1ª Edad del Hierro del Sur de Portugal", *Actas do II Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Braga, 105-114.

- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2006), "Objetos de marfil, hueso y vidrio: objetos varios", *El conjunto orientalizador de Talavera la Vieja (Cáceres)*-J. Jiménez Ávila, Ed.-, Cáceres, 155-162
- JÍMENEZ BARRIENTOS, J. (1991), "Aspectos rituales funerarios de la necrópolis de la Cruz del Negro, Carmona (Sevilla)", *Zephyrus*, 43-44-45, 215-222.
- LLADRÓN de GUEVARA, L., SANCHEZ, M., RODRÍGUEZ de ZULOAGA, M., e LAZARICH, M. (1992), "Materiales inéditos de Setefilla (Lora del Río, Sevilla)", *Spal*, 1, 293-312.
- LÓPEZ CACHERO, F. J (2005), *La Necrópolis De Can Piteu -Can Roqueta (Sabadell) En El Contexto del Bronce Final Y la Primera Edad del Hierro en el Vallès: Estudio de los materiales cerámicos*, Barcelona.
- MAIER, J. (1992), "La necrópolis de "La Cruz del Negro" (Carmona, Sevilla): excavaciones de 1900 a 1905, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 19, 95-141.
- MAIER, J. (1996), "La Necrópolis tartésica de Bencarrón (Mairena del Alcor. Alcalá de Guadaíra, Sevilla) y algunas reflexiones sobre las necrópolis tartésicas de Los Alcores", *Zephyrus*, 49, 147-168.
- MAASS-LINDEMANN, G. (1999), "La cerámica de las primeras fases de la colonización fenicia en España", *La cerámica fenicia en Occidente: centros de producción y áreas de comercio*, Actas del I Seminario Internacional sobre Temas Fenicios, Alicante, 129-148.
- MALUQUER DE MOTES, J. (1983), *El santuario protohistórico de Zalamea de la Serena, Badajoz. II, 1982-1983*, Barcelona.
- MARTIN RUIZ, J. A. (1995), *Catálogo documental de los Fenicios en Andalucía*, Sevilla.
- MAYET, F. e SILVA, C. T. (2000), *L'établissement phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*, Paris.
- MONTEAGUDO, L. (1953), "Album gráfico de Carmona por G. Bonsor", *Archivo Español de Arqueología*, XXVI, 350-370.
- MOLINA FARJADO, F., HUERTAS JIMENEZ (1985), *Almuñécar en la antigüedad. La necrópolis fenicio-púnica de Puente Noy Maracena (Granada)*, Granada.
- PADRÓ e PARCERISA, J. (1991), "La Glíptica Fenicio-Púnica y los Escarabeos de Ibiza", *Producciones Artesanales Fenicio-Púnicas*, VI Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica, 9, 219-232.
- PADRÓ Y PARCERISA, J. (1996), "Els escarabeus de la Serra de Crevillent", *Prehistòria i Món Antic als Països Catalans*, 9, 219-232.
- PARREIRA, R. (1975), "O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/ Beja)", *Arquivo de Beja*, XXVIII-XXXII, 31-45.
- PARREIRA, R. e SOARES, A. M. (1980), "Zu einigen Bronzezeitlichen Höhensiedlungen in Südportugal", *Madriider Mitteilungen*, 21, 109-130.
- PELLICIER CATALÁN, M.(1962), *Excavaciones en la necrópolis púnica "Laurita" del Cerro de San Cristóbal (Almuñécar, Granada)*, Madrid.
- PELLICER CATALÁN, M. (2004), "De Laurita a Tavira. Una perspectiva sobre el mundo funerario fenicio en Occidente", *El mundo funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios* (González Prats, A., Ed.), Alicante, 13-42.

- PERDIGONES, L., MUÑOZ VICENTE, A, y PISANO, G. (1990), *La necrópolis fenicio púnica de Cádiz. siglos VI-IV a. C.*, Studia Púnica, 7.
- PONTE, S. (1986), "Valor residual de seis fíbulas da região de Beja - dimensão arqueológica e significado sócio - cultural ", *Arquivo de Beja*, 2ª/3, 75 – 87.
- PONTE, S. (2004), "Retrospectiva sobre fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal", *Conimbriga*, XLIII, 199-213.
- RAMÓN, J. (1982), "Cuestiones de comercio arcaico: frascos fenicios de aceite perfumado en el Mediterráneo central y occidental", *Ampurias*, 44, 17-41.
- RAMOS, M. L. (1990), *Estudio sobre el ritual funerario en las necrópolis fenicias y púnicas de la Península Ibérica*, Madrid.
- ROCHA, A.S. (1975), "A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafrim". *Memórias e Explorações Arqueológicas*, 3, 127-141.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A., y ENRIQUEZ NAVASCUÉS, J. (2001), *Extremadura tartésica. Arqueología de un proceso periférico*, Barcelona.
- RUIZ RUANO, E., HOFFMAN, P., y RINCÓN, J. (1995), "Aproximación al vidrio prerromano: Los materiales procedentes de la necrópolis ibérica de El Cigarralejo (Muía, Murcia). Composición química de varias cuentas de collar", *Trabajos de Prehistoria*, 52-1, 189-206.
- RUIZ RUANO, E. (1995), El collar con cuentas y colgantes de vidrio procedente de La Albufereta (Alicante). *Boletín de la Asociación de Amigos de la Arqueología*, 36, 193-203.
- RUIZ RUANO, E. (1995B), "Cuentas policromas decoradas con ojos", *Espacio, Tiempo y Forma*, II/8, 255-286.
- RUIZ RUANO, E. (1996), *Las Cuentas de vidrio prerromanas del Museu Arqueológico de Ibiza y Formentera*, Trabajos del Museu Arqueológico de Ibiza y Formentera, 36, Ibiza.
- RUIZ RUANO, E., MORENO, R. e PELLÚS, P., (1996), "Los collares de la Algaida: oferendas a un santuario gaditano", *Boletín de la Asociación de Amigos de la Arqueología*, 36, 107-133.
- RUIZ DE ARBULO, J. (1996)- "La asociación de jarras y palanganas de bronce tartésias y ibéricas. Una propuesta de interpretación", *Revista de Estudios Ibéricos*, 2, 173-199.
- RUIZ DELGADO, M. M. (1986), "La fíbula de doble resorte en Andalucía. I. Tipos y cronología", *Habis*, 17, 491-514.
- RUIZ, D. y PEREZ, C. (1988), "La necrópolis tumular de Las Cumbres: el túmulo I. Puerto de Santa María, Cádiz", *Revista de Arqueología*, 87, 38-47.
- SANTOS, F.J. (2008), *Trabalhos arqueológicos no sítio de Palhais (Beringel, Beja)*, Relatório Final (exemplar policopiado).
- SILVA, A. C. e BERROCAL-RANGEL, L. (2005c), "O Castro dos Ratinhos (Moura), povoado do Bronze Final do Guadiana: primeira campanha de escavações (2004)", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8/2, 129-176.
- SPANÓ GIAMMELARO, (1995), *Aspetti inediti di cultura materiale dalla necropoli punica di Palermo*, Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 1, 33-56.
- TEJERA GASPAS, A. (1979), *Las tumbas fenicias y púnicas del Mediterráneo Occidental (estudio tipológico)*, Huelva.

- TORRES ORTIZ, M. (1998), *Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos*, Madrid.
- TORRES ORTIZ M. (2004), "Las necrópolis tartésicas", *El mundo funerario, Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios* (González Prats, A., Ed.), Alicante, 457-494.
- VENY, C. (1977), "Apuntes Complementarios sobre la Cueva de la Edad del Hierro de San Maimó, Petra (Mallorca)", *Trabajos de Prehistoria*, 38, 257-280.
- VERCOUTTER, J. (1945), *Les objets Égyptiens et Égyptisants du Mobilier funéraire Carthaginois*, Paris.
- VIANA, A. (1945), "Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, V, 3-39.



Figura 1. Ortofotomapa e cartografia de Palhais.



Figura 2. Vista do povoado do Outeiro do Circo a partir de Palhais.



Figura 3. Necrópole de Palhais. Fase de escavação.

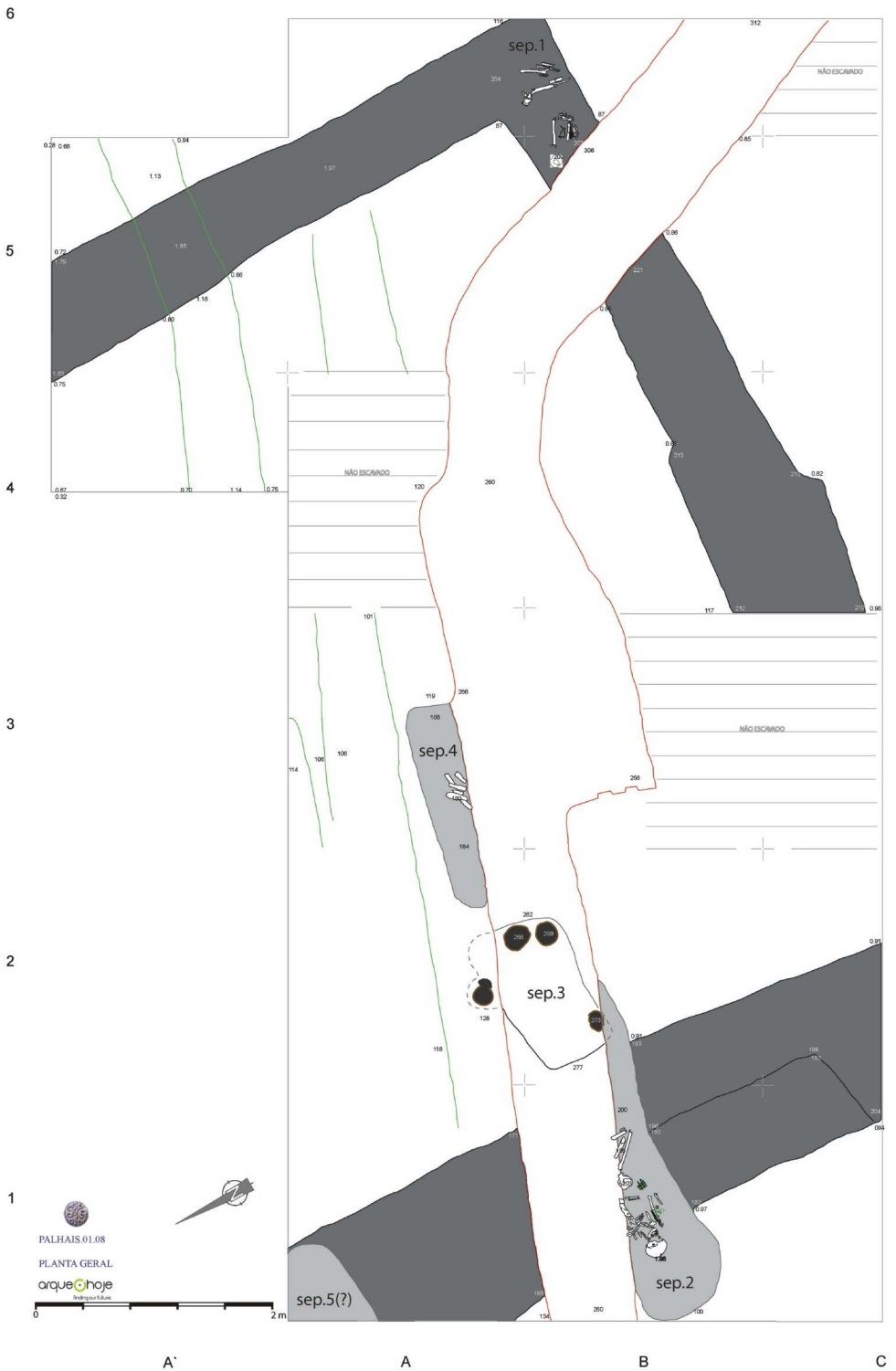


Figura 4. Planta geral de Palhais.



Figura 5. Sepultura 1.



Figura 6. Conjunto artefactual da sepultura 1.



Figura 7. Sepultura 2.



Figura 8. Conjunto artefactual da sepultura 2.

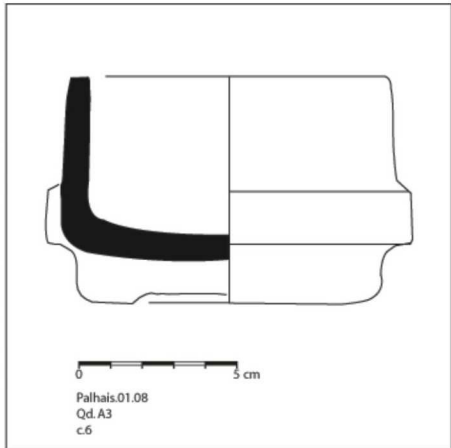


Figura 9. Conjunto artefactual da sepultura 4.



Figura 10. Sepultura 3.



Figura 11. Sepulturas 2, 3 e 4.

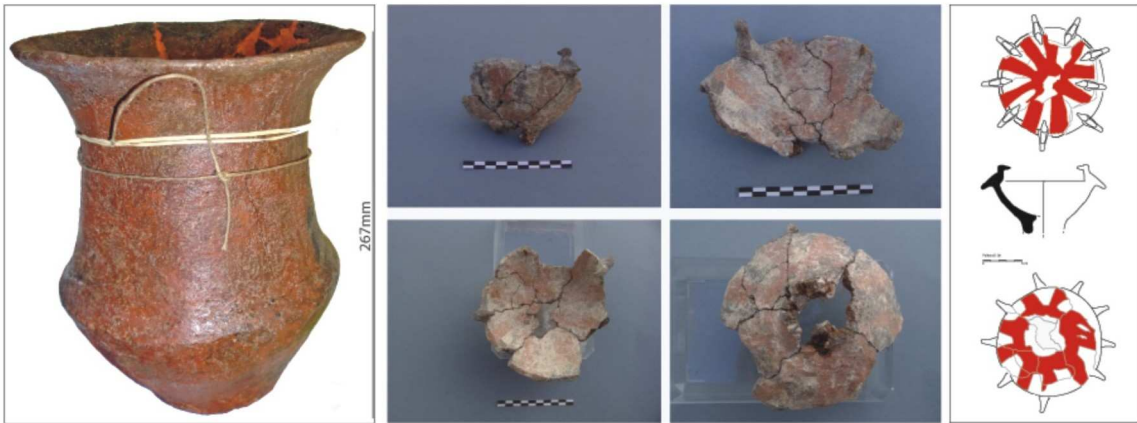


Figura 12. Conjunto artefactual da sepultura 3.



Figura 13. Secções do “recinto” funerário.



Figura 14. Conjunto artefactual oriundo do “recinto” funerário em C2.

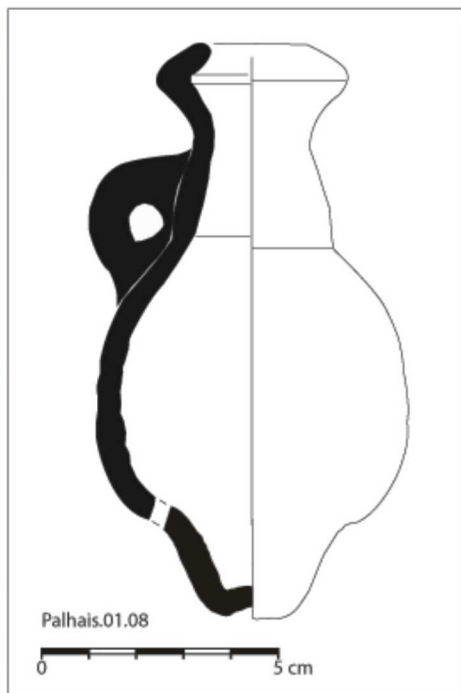
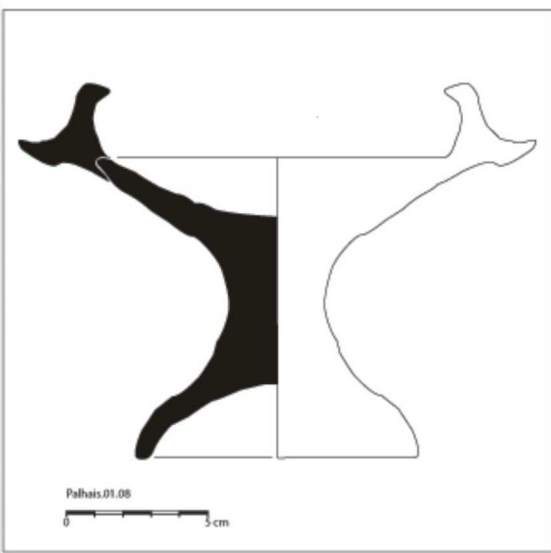
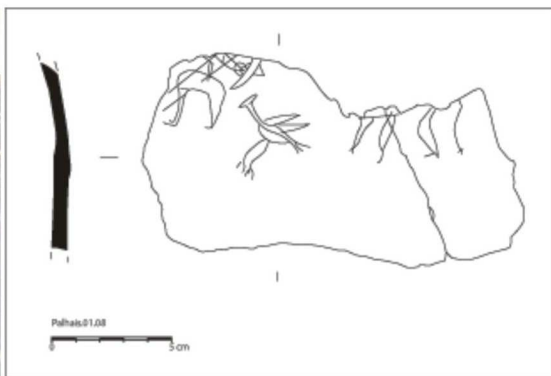


Figura 15. Conjunto artefactual descontextualizado, eventualmente associado à sepultura 3.